

REVISTA TRIMENSAL
DO
Instituto Geographico
E
Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem temporis
In praesens, validusque in
— e r r.

DEZEMBRO DE 1900

ANNÓ VII

VOL. VII

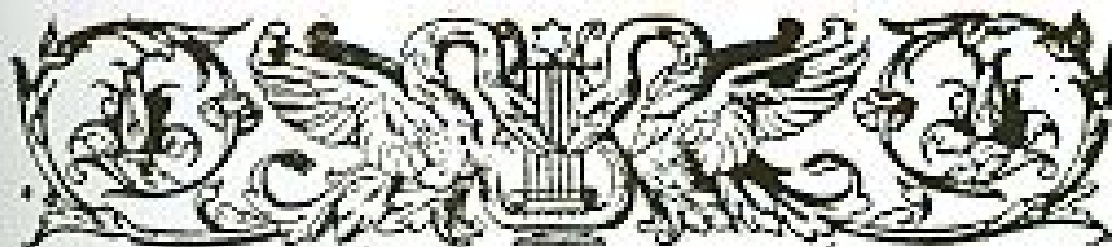
N. 26



BÁHIA

Typ. Encadernação—«Empresa Editora»
LARGO DAS PRINCEZAS NS. 15 E 23

1900



REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

Anno VII

Dezembro de 1900

ânnm. 26

PRINCIPIOS JACOBINOS

Sedição de 1798 na Bahia

I

Os ultimos annos do 18.º seculo e os principios do 19.º formaram como que o laboratorio ardente das liberdades modernas.

Com o expirar d'aquelle tinham-se sepultado as instituições do antigo regimen, banhando-se em rios de sangue como jamais viu a humanidade; com o surgir do nosso seculo principiou a complicadissima tarefa da organização moderna dos povos.

Portugal não podia isentar-se d'esse movimento e, com elle, o Brazil.

Cêdo, bem cêdo ainda, apesar da distancia, o fogo da liberdade veio incendiar alguns cerebros ardentes na capitania de Minas Geraes.

Alli, para onde já tinham alguns brasileiros educados na França levado os primeiros raios da nova aurora da liberdade, um official de milicias, Joaquim José da Silva Xavier com o appellido de Tiradentes, morador em Ouro Preto, inflammou-se por tal maneira que chegou uma vez em um banquete a levantar a independencia de Minas e do Brazil um brinde, que foi acolhido pelos circumstantes com jubilosas demonstrações.

Não sabemos si elle cifrou-se n'isto ou si formou-se uma verdadeira conspiração com o fim de revolucionariamente declarar a independencia de Minas sob a fórma republicana. Em todo o caso, porém, não tinha a causa ainda feito particular progressos, pois que, quando a attenção do governo se despertou e se principiou a devassa do caso não se acharam verdadeiras provas nem armas e nem correspondencia.

Mas a côrte de Lisboa tomou muito a sério esses acontecimentos, e em consequencia d'isto prenderam-se todos os suspeitos de qualquer forma, que não puderam fugir; instituiu-se um tribunal especial perante o qual installou-se um processo de inconfidencia, que dilatou-se por alguns annos, e do qual se entendeu evidenciar complicada e confusamente um plano de revolta.

Finalmente, em 1792 cahiu a sentença por accordão de 18 de Abril condemnando cinco dos mais graves accusados á pena de morte, pena, porém, que só foi executada em um, Tiradentes, que foi enforcado, esquartejado, expondo-se os pedaços do cadaver, arrazando-se sua casa em Ouro Preto, em cujo logar, depois de salgado, levantou-se um poste infamante, que só depois da independencia do Brazil é que foi tirado.

Os outros accusados foram em geral condem-

nados á deportação perpetua ou temporaria para Angola, confiscadas suas fortunas, e o mesmo se deu com aquelles que fugindo para os mattoes, subtrahiram-se á justiça.

Eis em poucas palavras como d'este importante facto da nossa historia. falla Haudelman na sua Historia do Brazil:

«A rainha fazendo lançar sobre a cabeça de Tiradentes a terrivel sentença, julgava-se collocar na mais impenetravel segurança.

O exemplo do castigo estava dado. A sua enérgica resolução foi percada e cumprida com o apparato e pompa especialmente recommendadas, fóra do commum das solemnidades tetricas que acompanham ao patibulo um condemnado.

O corpo de Tiradentes esquartejado, os pedaços do cadaver expostos ás intempéries do tempo, sua casa arrasada, salgado o logar e levantado nas ruínas ainda impregnadas do ar infecto do liberalismo, um poste infamante—era o freio que a corte de Lisboa punha ao desenvolvimento dos *principios jacobinos* (como ella chamava) no Brazil. Vaidade! Julgava-se, com a morte de um homem e a deportação de outros para as plagas inhospitas, contra a corrente impetuosa das evoluções politicas de um povo».

Nada se move n'este mundo sem as leis impulsionadoras da natureza.

Um povo não é mais do que um ser qualquer e, com elle, sujeito ás gradações da perfectibilidade.

Do ultimo suspiro em que foi-se a vida do martyr mineiro formou-se a cellula dos principios liberaes que, metamorphoseando-se no decorrer de noventa e tantos annos, deu vida ao corpo que ainda nas facha infantis recebeu a 15 de Novembro de 1889, beatificado pelas auras brasileiras, o

mais limpo de todos os baptismos revolucionarios.

O resultado da inconfidencia mineira abafou o fogo da liberdade, mas não conseguiu extingui-lo.

A corte de Lisbon parecia agora estar socegada e tranquillá; quem ousaria, jamais, á vista do seu energico procedimento conspirar!

Conscia do seu poder, voltou-se a usufruir e desfructar, rodeada de seus cortejãos, a ubérrima riqueza de suas colonias ultramarinas.

Na embriaguez de seu poder, orgulhosa de suas conquistas, avida sempre de riquezas, só cuidava dos desenvolvimentos que lhe podessem trazer resultados seguros e immediatos, esquecendo-se descuidadamente da educação dos homens dos dominios ultramarinos.

Toda voltada para a importação de braços africanos, entulhava aos montões os mercados coloniaes com milhares de negros, buscados pelas negociações mais torpes nas costas africanas, sem cogitar dos males que lhe podessem sobrevir de futuro.

N'esse tempo, aqui na nossa cidade, a população negra representava mais do que a media da população branca.

Portugal não via n'esta colonisação deprimente o atrophamento da nação futura.

Este desequilibrio estavel nas raças que não semultiplicando sem selecção alguma de meios de educação, trouxe-nos, como consequencia immediata, uma serie de interrupções nos predicaos que habilmente poderíamos ter herdado de cada uma.

Do cruzamento e do desenvolvimento das trez raças reunidas—aborigene, a caucasica e a ethiopica havia necessariamente de nascer uma outra,

e esta trouxe consigo todos os attributos de uma raça espuria.

A nossa historia colonial apresenta-nos factos concludentissimos d'esta asserção.

E em um dos pontos em que mais cabalmente manifestou-se os sentimentos d'esta raça toda mestiça, foi no movel da sedição de 1798, acobertada então com as idéas republicanas que proclamavam a *egualdade*, a fraternidade e liberdade.

A côrte de Lisboa, porém, não quiz ver n'esta sedição o fructo sazonado da irrevocabilidade fatal, resultante de seu modo de colonisar.

Veio perturbar-lhe o socego e a calma em que parecia viver, a lembrança da inconfidencia mineira.

Um phantasma terrivel, agigantado, com a figura do enforcado de 92, apresentava-se-lhe em toda parte.

Ella via e sentiu nos factos mais insignificantes da politica exterior a mão esqualida d'esse phantasma a *infeccionar, a propalar os abominaveis principios francezes*.

Do palacio de Queluz sahiram então as cartas regias em profusão para os governadores, recomendando-lhes todo o rigor, e os mais energicos castigos àquelles que de leve deixassem transparecer os mais tenues vestigios de adhesão ou affeição à *absurda pretendida Constituição franceza que varia cada seis mezes*.

Vivia n'este estado de inquietação e assombramento a côrte de Lisboa, quando de leve echoou em seus ouvidos a noticia de que na Bahia os *principios jacobinos* tomavam vulto.

A constitucionalidade portugueza tremeu como abalada por electrico choque, e fazia partir a 4 de Outubro de 1798 a seguinte carta regia:

« Sua Magestade manda participar a V. S. que

depois que chegou o ultimo comboio, se espalharam aqui vozes que dão grande cuidado e que annunciam que as principaes pessoas d'essa cidade, por uma loucura incomprehensivel, e por não entenderem os seus interesses, se acham infectas dos abominaveis principios francezes, e com grande affeição á absurda pretendida constituição franceza, que varia cada seis mezes, e dá-se como razão d'isto a frouxidão do governo e a corrupção da Relação que permite a todos que são poderosos de fazerem todas as violencias e assoadas que convém a seus interesses. Dá-se tambem como razão a indisciplina, falta de subordinação e mau estado em que se acha a tropa d'essa cidade, havendo até quem chegasse aqui a dizer que se ahí apparecessem algumas forças francezas, nem a tropa resistiria, e que as pessoas principaes se união aos francezes e de que bem de pressa se arrependeriam.

Entre as pessoas de que se faz menção como as mais affeioadas aos principios francezes, é o padre Francisco Agostinho Gomes, homem rico e senhor do bergantim «Amizade», que agora se vendeu aqui, e de quem se diz que em sexta-feira da Paixão dera um banquete de carne, a que foram convidadas varias pessoas sectarias dos mesmos principios.

Sua Magestade ordena que V. S. examine logo este ultimo facto, e, achando-o verdadeiro, faça prender a elle, como aos seus amigos sectarios dos mesmos principios e os faça logo julgar com toda severidade das leis para que o castigo de taes réos seja verdadeiramente exemplar, e contenha semelhantes criminosos.

Repito novamente a V. S., de ordem de Sua Magestade, que premio e castigo são os dois pólos sobre que se estriba toda a machina po-

litica e que no momento presente toda a vigilancia contra os maus é indispensavel, e absolutamente necessaria, e que V. S. será responsavel de toda frouxidão que houver na execução d'estas reaes ordens.

Deus guarde a V. S. Sr. D. Fernando José de Portugal.—Palacio de Queluz, 4 de Outubro de 1798.»

Ao recebimento d'esta terminante carta seguiu-se logo com todo o cortejo de circumstancias a devassa ordenada, d'onde sahia illesa a pessoa do padre Agostinho Gomes.

Algun tempo durou o inquerito das testemunhas e, finalmente conhecida a innocencia do accusado, a rainha baixava por intermedio de seu ministro o seguinte :

«Sua Magestade, reconhecendo a innocencia de Francisco Agostinho Gomes, presbytero secular, é servida que V. S. assim o faça constar, havendo das falsas accusações dadas contra elle resultado um mais pleno conhecimento de sua lealdade ao throno, e das suas virtudes, esperando até a mesma augusta senhora que elle com as suas luzes, e cabedaes possa contribuir a melhorar muito as culturas d'essa capitania, mandando Sua Magestade recomendar a V. S. para estes louvaveis fins. Deus guarde a V. S.—Palacio de Queluz, em treze de Junho de 1799.»

Denunciado, como o padre Agostinho Gomes, tambem foi o cirurgião Cypriano José Barata d'Almeida, conhecido vulgarmente pela alcunha de — o *Baratinha*.

O nome d'este denunciado, envolvido n'estas accusações, causou mais medo que receio.

Seu genio intempestivo e turbulento, fazia contraste ben. sensivel com a doçura e acanhamento notaveis em o padre Agostinho Gomes.

A rainha, recebendo a denuncia de que este e outros se achavam contaminados do mal que mais prejuizos e funestos resultados traziam ao socego e progresso de uma nação, enviava urgentemente ao governador d'esta capitania uma carta regia acompanhada da carta que recebera, onde o denunciante expunha a alta traição do Baratinha.

E nos termos do documento original abaixo transcripto, vê-se o terror manifesto que semelhante denuncia causou.

«Tendo chégado à real presença de Sua Magestade uma accusação muito grave, seja ella falsa ou fundada, revestida de tão odiosas circumstancias, como V. S. verá da carta junto, é a mesma senhora servida que V. S. se informe com a maior exacção de tudo o que a mesma carta refere; para que, achando motivada aquella accusação, V. S. faça castigar severamente os que na mesma vêm implicados e outros que possa descobrir culpados no mesmo horrendo crime, ou, não sendo a referida accusação mais do que uma calumnia, V. S. proceda com igual severidade contra quem a urdio; e de tudo o que obrar dará V. S. parte por esta secretaria de estado. Deus guarde a V. S. Palacio de Queluz, em 30 de Outubro de 1798: etc.»

Agora, a carta do denunciante:

«Senhora.—Com o mais profundo respeito o padre José da Fonseca Neves, presbytero secular, oriundo da freguezia de S. Mamede de Vallongo, bispado do Porto; e presentemente capellão nos engenhos de Paulo de Aragão e Teive, freguezia de Nossa Senhora do Monte, arcebispado da Bahia, como fiel vassallo de V. Magestade, dá parte e denuncia que Cypriano, por alcunha, o—Baratinha, cirurgião, e a Marcellino Antonio de Souza, musico, assistentes na dita freguezia e lavradores

de cannas nos engenhos de Joaquim Ignacio de Cerqueira Balção, são homens em todos os seus systemas contrarios ao alto decoro de V. Magestade, e juntamente a Jesus Christo e a sua Esposa e nossa Mãe a santa egreja; pois não se envergonham de publicar as suas depravadas paixões entre os rusticos povos; já com palavras, já com escriptos, feitos uns novos legisladores não só das nossas monarchias, e muito principalmente do nosso respeitavel governo, mas tambem no que pertence ás leis de Deus e da egreja; e por isso obrigado de todo o meu coração, pela grande obediencia e respeito que tenho á nossa respeitavel monarchia, me fez dar esta parte a V. Magestade para que haja de dar aquella providencia, que não só houve cáda vez mais o nosso alto poder, mas tambem glorie ao nosso Deus, de quem somos verdadeiros filhos.

Deus guarde a Vossa Magestade por muitos annos, etc. Nossa Senhora do Mont., 3 de Maio de 1798.

De V. Magestade o mais infimo vassallo e obediante—*José da Fonseca Neves.*

Quando esta carta régia, escripta em 30 de Outubro acompanhando a do padre José da Fonseca Neves, chegava a esta cidade já o cirurgião Baratinha estava preso desde o dia 19 de Setembro como um dos incursos na sedição que ás occultas se tramava n'esta cidade.

Estes erão os principios jacobinos que tanto assustavam a côrte de Lisboa.

A sedição de 1798, desconhecida pelos nossos historiadores, ou na qual não quizeram achar a importancia que encerra, como um attestado vivo, os resultados nascidos da agglomeração de trez raças de caracteres tão distinctos e especiaes, que foram a força mótriz no desenvolvimento

da nossa vida colonial, é sem duvida bem digna de estudos, porque ali vemos desenrolar-se uma lucta que por fim achava-se em intimo connexo com os levantes africanos.

Os sediciosos de 98, acobertados com o manto das idéas democráticas, então florescentes e inflammantes com o despontar do 19.º seculo, occultavam um estímulo bem genuino que reservia-lhes no coração. A máxima questão para elles não era essencialmente a forma de um governo monarchico, elles discutiam em suas sessões secretas a exterminação dos preconceitos que os acorrentavam ao olvido; revoltavam-se contra a preterição que soffriam pela differença de côr, era, emfim, a revolução de uma casta que estorcia-se, lançada n'um circulo de restricções, pela cobiça de Portugal. Este não quiz reconhecer n'esta insurreição o seu erro, encarou-a sómente como uma sedição que cogitava essencialmente de mudar a forma de seu governo.

Estes desgraçados tiveram o mesmo premio que os inconfidentes mineiros.

Como a revolução de Minas, ella tambem foi trahida e denunciada; ao lado do nome do coronel de auxiliares (*) os sediosos bahianos escreveram com seu sangue os de José Joaquim de Siqueira, Joaquim José da Veiga e Joaquim José de Santa Anna.

II

O despontar do dia 12 de Agosto de 98 espalhou claramente n'esta cidade como a luz de seu sol que se levantava os prodromos de uma sedição abafada a tempo pelas medidas do então governador.

(*) Joaquim Silverio dos Reis.

O sol não tinha se erguido de todo e já notava-se estranho movimento na população que boqui-aberta parava às esquinas das ruas e praças onde se viam affixados nas paredes papeis escriptos à letra de mão.

Principalmente nas esquinas da Praça de Palacio, da rua de Baixo, junto a quitanda de S. Bento e nas outras portas da cidade a reunião era mais compacta e todos procuravam ler com avidez os papeis incendiarios e revoltosos que assim falavam: « Aviso Animai-vos povos bahienses, que está para chegar o tempo feliz da nossa liberdade; o tempo em que todos seremos irmãos; o tempo em que todos seremos eguaes; sabeí que já seguem o partido da liberdade os seguintes:

Officiaes de linha	34
Officiaes de milicia	54
Homens graduados em postos e cargos	11
Inferiores de milicias	39
Inferiores de linha	46
Soldados de linha	107
Soldados de milicia	233
Homens graduados em lettras	13
Homens do commum	20
Homens do commercio	8
Frades bentos	8
Franciscanos	14
Barbadinos	3
Therezos	14
Clerigos	48
Auxiliares do santo officio	8
Somma tudo	676

Aqui não se faz menção dos não conhecidos, porém sim d'aquelles que egualmente se communicam por consequencia da liberdade.

O povo bahiense. »

« Quer o povo que se faça n'esta cidade e seu termo a sua memoravel revolução, e que o soldado perceba 200 réis de soldo cada dia.

Povo: »

Aviso ao povo bahiense.

O' vós homens cidadãos, ó vós povos curvados e abandonados pelo rei, pelos seus despotismos pelos seus ministros...

O' vós povo que nascesteis para serdes livre e para gosardes dos bons effeitos da liberdade, ó vós povos que viveis flagellados com o pleno poder do indigno coroado, esse mesmo rei que vós creastes, esse mesmo rei tyranno é que se firma no throno para vos vechar, para vos roubar e para vos maltratar.

Homens, o tempo é chegado para a vossa resurreição; sim, para resussitardes do abysmo da escravidão, para levantardes a sagrada bandeira da liberdade.

A liberdade consiste no estado feliz; no estado livre do abatimento: a liberdade é a dourada vida, o descanso do homem com equal parallelo uns para todos; finalmente a liberdade é o repouso e bemaventurança do mundo.

A França está cada vez mais exaltada, a Allemanha já lhe dobrou o joelho. Castella só aspira a sua alliança, Roma já vive annexa; o Pontifice já está abandonado e desterrado: o Rei da Prussia está preso pelo seu proprio povo: as nações do mundo todas têm seos olhos fixos na França, a liberdade é agradavel para todos: é tempo povo, povo o tempo é chegado para vós defenderdes a vossa liberdade: o dia da nossa revolução, da nossa liberdade e da nossa felicidade está para chegar animai-vos, que sereis felizes para sempre.»

Dentro das egrejas da Sé, da Lapa, da matriz

da Rua do Passo, na de São Domingos também appareceram varios papeis de natureza tão sediciosa como os primeiros que foram vistos ao alvorecer do dia pregados pelas paredes.

Dos diversos que foram entregues ao governador transcrevemos para aqui os mais significativos:

— *Prelo.* — O povo bahiense e republicano ordena, manda e quer que seja feita n'esta cidade e seu termo para o futuro da sua memoravel revolução; portanto, manda que seja punido com morte natural para sempre todo aquelle sacerdote que no pulpito, confissionario, exhortação, por qualquer forma, modo, maneira ordinaria, persuadir aos ignorantes e fanaticos com o que for contrario à liberdade e bem do povo: manda o povo que o sacerdote que concorrer para a dita revolução seja reputado concidadão como condigno: os deputados frequentarão todos os actos da egreja para que seja tomado inteiro conhecimento dos delinquentes: assim se entenda aliás. . .

Note-se. Que todo o soldado terá de soldo 200 réis cada dia. — O povo — N. 676 Entes da liberdade. »

Nas costas d'este papel, que era dobrado em quadro, lia-se em um d'elles o seguinte:

« Deve ser publicado o presente que fica notado no livro das ditas fl. 18, Cap. 21, § 3º. n. 10.

Republicanos 676. Do povo Bahiense em consulta dos deputados e representantes que são 392 entes — viva. »

Outra era assim concebida:

« Aviso ao clero e ao povo bahiense incauto —

O poderoso e magnifico povo bahiense republicano d'esta cidade da Bahia republicana, considerando-nos muitos e repetidos latrocínios feitos com os titulos de impostura, tributos e direitos que

são celebrados por ordem da rainha de Lisboa, e no que respeita a inutilidade da escravidão do mesmo povo tão sagrado e digno de ser livre; com respeito à liberdade, à igualdade e ordem, manda e quer que para o futuro seja feita n'esta cidade e seu termo a sua revolução para que seja exterminado para sempre o pessimo jugo reinavel da Europa; segundo os juramentos celebrados, trezentos e noventa e dois dignissimos deputados representantes da nação, em consulta individual de duzentos e oitenta e quatro entes que adoptam a total liberdade nacional; contida no geral receptaculo de seiscentos e setenta e seis homens, segundo o prélo acima referido.

Portanto, faz saber e dá ao prélo que se acham as medidas tomadas para o soccorro estrangeiro e progresso do commercio de assucar, tabaco e pau-brazil, e todos os mais generos do negocio e mais viveres; comtanto que aqui virão todos os estrangeiros tendo porto aberto, mormente a nação franceza

Outrosim, manda o povo que seja punido com pena vil para sempre todo aquelle padre regular e não regular que no pulpito, confissionario, exhortação, conversação, por qualquer forma, modo e maneira persuadir aos ignorantes, fanaticos e hypocritas, dizendo que é inutil a liberdade popular; tambem será castigado todo aquelle homem que cahir na culpa da dita, não havendo isenção de qualidade para o castigo.

Quer o povo que todas as manobras militares de linha, milicia e ordenanças, homens brancos, pardos e pretos concorram para a liberdade popular, manda o povo que cada um soldado perceba de soldo dois tostões cada dia, além das suas vantagens, que serão relevantes.

Os officiaes terão augmento de posto e soldo,

segundo as dietas; cada um indagará quaes sejam os tyrannos oppostos a liberdade e estado livre do povo para ser notado, cada um deputado exercerá os actos da egreja para notar qual seja o sacerdote contrario á liberdade; o povo será livre do despotismo do rei tyranno, ficando cada um sujeito ás leis do novo código, e reformado formulario; será maldito da sociedade nacional todo aquelle ou aquella que fôr inconfidente á liberdade coherente ao homem e mais aggravante será a culpa havendo dolo ecclesiastico; assim seja entendido aliás. . . — *O Povo.*»

Era tambem dobrada da mesma maneira que a antecedente e lia-se o seguinte n'um dos quadros:

«Deve ser publicada para não haver ignorancia: fica notada a presente no livro das dietas fl. 12. Cap. 3.º § 1.º N. 10 — Republicanos — Do povo bahiense em consulta dos deputados e representantes que são 392 entes.»

Logo que foi chegado ao conhecimento do general governador a existencia d'estes papeis, elle baixara a seguinte portaria:

«Por me ser constante que em varios logares publicos d'esta cidade, e dentro de algumas egrejas se fixaram na manhã do dia de hoje varios papeis sediciosos que acompanham esta, e seja necessario proceder ás mais exactas averiguações em materia tão delicada e melindrosa para servir ao conhecimento de pessoa ou pessoas que os escreveram e espalharam, afim de serem punidos na fórma das leis, ordena ao desembargador ouvidor geral do crime, que sem perda de tempo proceda a devassa d'este caso e a todos os mais procedimentos que forem necessarios para o descobrimento dos autores dos mesmos papeis.

Bahia, 12 de Agosto de 1798. — Ao desembargador ouvidor geral do crime.»

No dia seguinte a esta portaria o prior dos carmelitas descalços remettia ao governador mais estas duas cartas, datadas, porém, de vinte de Agosto:

«Prescrição do povo bahiense—O Povo—Reverendissimo em Christo padre prior dos carmelitas descalços, e para o futuro geral em chefe da egreja bahiense: segundo a sessão do plebiscito de 19 do corrente, quer e manda o povo que seja feita a sua revolução n'esta cidade por consequencia de ser exultada a bandeira de egualdade, liberdade e fraternidade popular; portanto, manda que todo sacerdote, regular e irregular assim o approve, e o vendo aliás. . . *Vice et vale.*

Bahia Republicana, 20 de Agosto de 1798.

*Anonymos Republicanos.**

A segunda, que era dirigida a D. Fernando, governador da Capitania, era escripta nos seguintes termos:

«Prescrição do povo bahiense.

—O povo—Ihm. e Exm. Sr.—O povo bahiense e republicano na sessão de 19 do presente mez, houve por bem elogiar e com effeito ordenar que seja V. Ex. invocado compativamente como cidadão presidente do Supremo Tribunal da democracia bahiense para as funcções da futura revolução que, segundo o plebiscito, se dará principio no dia 28 do presente, pelas duas horas da manhã, conforme o prescripto do povo.

Espera o povo que V. Ex. haja por bem o exposto.

Vice et vale.—Bahia Republicana, 20 de Agosto de 1798

*Anonymos Republicanos.** (*)

(*) Todos estes papéis existem guardados no Archivo Publico, e os que foram affixados nas paredes conservam ainda a calça adherida ás costas pela acção do grude: o

A cidade estava alarmada e assustada. Quem seria o autor ou autores de tão nefando e audacioso crime!?

Recebida a portaria pelo desembargador Dr. Manuel de Magalhães Pinto Avellar de Barbedo com vezes de corregedor do crime da corte, e sendo ouvidor geral do civil o desembargador Francisco Sabino Alvares da Costa Pinto, aquelle nomeou logo a Virissimo de Souza Botelho, escrivão em conformidade da mesma portaria, para proceder-se à devassa ordenada.

Ao correr das pesquisas que não se suscitando, aggravaram-se as suspeitas de que Domingos da Silva Lisboa era o autor dos papeis sediciosos. Realmente foi preso em 16 de Agosto e sequestrados todos os seus moveis e papeis. A commissão de peritos nomeada para dar parecer sobre a legitimidade da letra não trepidou em facilmente apontal-o como culpado e verdadeiro autor dos ditos papeis. Porém, tres mezes depois foi reconhecida a innocencia d'este preso pelo mesmo jury que descobriu o erro commettido, e confirmada por accordão da Relação, foi logo posto em liberdade por uma portaria do governador, assignada e datada de 10 de Novembro.

Do reconhecimento da innocencia de Domingos da Silva Lisboa chegou-se ao descobrimento do verdadeiro autor e este era o soldado do primeiro regimento Luiz Gonzaga das Virgens. O tenente-coronel Alexandre Theotônio de Souza fez entrega de diversos papeis achados por occasião da prisão d'este soldado, d'onde se tiraram

que se lê é cópia fiel, apenas corrigida a orthographia e as letras maiusculas que empregavam-se indifferentemente n'squelle seculo. A contextura syntatica e a pontuação são as mesmas.

as mais irrefutaveis e concludentes provas da culpabilidade d'elle, como réo de alta traição á integridade do governo e da paz geral.

No correr do interrogatorio feito a este réo, conseguiu a pèrspicacia do juiz descobrir, apesar da insistencia com que elle procurava desnortear a marcha das perguntas, o fio que o levou a ver uma sedição que contava muitos adeptos, apresentando-se mais aterradora do que se julgava.

Então, com justo receio de que ella avolumasse, redobraram-se as pesquisas e vigilancias que tornaram-se desnecessarias, porque a maldição votada ao character delator do traidor mineiro não extinguiria de certo a hereditariedade psychologica que deixára após si esta alma pusilanime.

A traição tomara a dianteira á sagacidade policial, encarnando-se nas pessoas de Joaquim José da Veiga, José Joaquim de Siqueira e Joaquim José de Sant'Anna.

Em poucas palavras vou mostrar ao benevolo leitor o corpo d'esta sedição.

Estudando nos diversos processos organisados pela junta especialmente nomeada pelo governador para esta devassa, pude formar este estudo que agora offereço a illustrada competencia do bom leitor.

No archivo da Relação é que se deveriam encontrar todos os esclarecimentos tão necessarios ao bom entendimento de tão importante assumpto de que nos occupamos.

Infelizmente, porém, d'alli só pòde o Archivo Publico obter dous livros!!

Quando se pensar que aquelle tribunal deve a sua inauguração ao primeiro decennio do XVII seculo, que é o primeiro que n'America Luzitana foi creado, que, além de seu fim meramente official, tinha mais o de seus membros, sob a presi-

dencia do governador e vice-rei do estado, tomarem importantissimas resoluções politicas e administrativas nos celebres assentos, facilmente se chegará á conclusão de que a perda de todo o seu archivo é horrorosamente lastimavel.

III

Existia por esse tempo no Brazil um forte contraste entre os descendentes da antiga emigração, os verdadeiros brasileiros, e os emigrados posteriormente—os portuguezes de Portugal ou filhos do reino.

Aquelles eram um povo essencialmente agricola, este exclusivamente commerciante, que chamaram a si todo o commercio de commissão e a retalho, e sendo em geral mais bem educados do que os aqui nascidos, possuindo mais habilidade e actividade, fizeram impossivel aos naturaes erguerem-se a seu lado, e tanto mais quanto todos os residentes ligavam-se contra aquelles.

D'esta fórma os immigrados do reino adquiriram em breve uma importante abastança, chamando, porém, sobre si a inveja e o odio dos brasileiros.

O povo via n'elles a sua sanguessuga estrangeira.

Além d'isso monopolisavam os portuguezes o serviço publico, tendo entre suas mãos quasi todos os empregos publicos.

Apezar de que sendo para este serviço indispensavel a educação juridica, que só se poderia adquirir em Coimbra, comtudo era esta difficil de ser obtida pela generalidade dos brasileiros, em virtude das exigencias pecuniarias que ella lhes fazia.

Portanto, não havendo muitos juristas brasileiros, era claro que os cargos publicos fossem dados aos filhos do reino.

Mas o que eram estes ministros?

« Os ministros de ordinario que vêm para estes logares, diz o (*) marquez do Lavradio, segundo o que a experiencia me tem mostrado, em nada mais cuidam que em vencer o tempo por que foram mandados, afim de poderem requerer o seu adiantamento; e no tempo em que residem nos mesmos logares vêem como os podem fazer mais lucrosos, de sorte que, quando se recolham possam levar com fazer beneficio às suas familias.

A nenhum tenho ouvido fallar nunca na utilidade que fizeram aos povos do logar em que estiveram; nenhum conta estabelecimento util, que os promovesse: todos choram a miseria em que deixam as suas povoações, movendo-os a esta compaixão o pouco rendimento e utilidade que tiraram do seu logar.

Como os ordenados de todos estes ministros são pequenos, a sua principal idéa é o não se recolherem uns com menos cabedades do que se recolheram os outros, e estimam se multipliquem os emolumentos; e isto não pode ser sem haverem muitas demandas, litigios e discórdias entre os particulares, e outras cousas semelhantes, com que andam inquietos os povos, são obrigados a muitas despesas, e se divertem d'aquelles uteis serviços em que deviam estar empregados, e tudo isto por nenhum outro fim que o do vil interesse dos juizes e de seus officiaes, que são os principaes apparelhadores d'estas desordens. Em onze para doze annos que tenho governado na America me não constou nunca que um só juiz procurasse accommodar as partes, persuadi-l-os a que se não arruinassem com con-

(*) Relatorio do marquez do Lavradio ao entregar o governo a Luiz de Vasconcellos e Souza. *Rev. do Inst. Hist.* Rio de Janeiro, Numero de 16 de Janeiro de 1843.

tendas e injustiças feitas, e que n'esta parte fizesse finalmente o que as leis tanto lhes recommen-
dam. Do mesmo modo não achei nenhum es-
tabelecimento util feito por nenhum d'aquelles
magistrados: e alguns que mandei informar
sobre negocios d'esta qualidade, os achei tão igno-
rantes e alheios d'estas materias, que me resolvi
a não tratá-los mais com elles. »

Vendo, portanto, os naturaes que esses empre-
gados encaravam seu emprego como mēra mina,
com cujo roubo iam para Portugal, é claro e
natural que n'elles se desenvolvesse uma justissima
indignação.

D'est'arte desenvolveu-se uma differença na-
cional entre os ramos do mesmo tronco, o por-
tuguez europeu e o portuguez brasileiro.

Si no Brazil colonial houve uma submissão
das raças mestiças sob a branca, nunca foi ella de
natureza politica como nos Estados-Unidos, e sim
meramente social.

Deve-se isto muito particularmente ao caracter
nacional portuguez, que, como todos os povos la-
tinos, se inclinam com muito maior facilidade a
misturar-se e entender-se com a raça indigena ou
subjugada, do que os povos de raça germanica, as
quaes ou a amalgamam inteiramente, ou a oppri-
mem completamente.

Além disto não se deve perder de vista que no
começo da colonisação quando os immigrants
portuguezes ainda formavam exclusivamente o
povo brasileiro, faltava-lhes todo e qualquer go-
verno colonial proprio, que os immigrants ingle-
zes d'America do Norte desde o principio gosavam.

Não podiam por isso, como estes, guardar para
si, isto é, para a raça branca, por meio de leis para
o todo o sempre a exclusiva participação nos nego-
cios publicos, nas honras e dignidades.

D'aquellas preterições de que acima fallamos, soffriam os brazileiros de todas as raças, e foi justamente isto que deu posteriormente a revolução pela independencia brazileira o seu verdadeiro character : brancos e mestiços livres uniram-se immediatamente contra os portuguezes, supplantando-os em pouco tempo e expellindo-os, acabando-se então a parte popular da revolução.

Ainda quando mais tarde appareceram movimentos em que o povo tomava parte, a razão era sempre uma influencia portugueza real ou imaginaria que se queria debellar e uma inimizade enraizada contra os residentes ricos portuguezes.

Que ha, pois, que admirar, que os sediciosos bahianos de 1798, quando almejavam a sua elevação tivessem em vista a aniquilação d'aquelle elemento branco oppressor, representado por aquelles residentes filhos do reino que eram os primeiros negociantes, os primeiros homens do governo e da administração colonial?

D'entre os vultos mais salientes da sedição destacavam-se os dois pardos altaiates João de Deus do Nascimento e o soldado Lucas Dantas d'Amorim Torres, pela actividade que desenvolviam já nos planos que concebiam, já em conquistar adeptos à sua causa.

Estes, de seu lado, tambem contribuíram para engrossar as fileiras revoltosas, seduzindo aos amigos, e para este fim citando-lhes os nomes de pessoas de posição, que eram dos seus.

Aos mais escrupulosos, a quem o receio da falta de circumspecção e de forças capazes de abafar a reacção legal fazia hesitar, procuravam tranquilisar com a citação de nomes importantes pertencentes ao partido revolucionario, e com a segurança de de dispôr este da força armada por intermedio do tenente do regimento de artilheria José Gomes,

e do do segundo regimento de linha Hermogenes Francisco d'Aguiar Pantoja, e o sargento de brigada do mesmo regimento de artilheria Joaquim Antonio da Silva, filho do meirinho da intendencia do ouro.

Infelizmente, porém, justamente estes, que citavam como garantia de seus planos, foram os que mais contribuíram para a sua desgraça, porque escaudados pelas idéas que defendiam, não tomavam as necessarias cautelas, chamando d'est'arte attenção sobre si.

Preoccupava particularmente a João de Deus o plano que quæria pôr em execução. N'elle entravam em primeiro plano o levantamento do povo chamando à liberdade os captivos, o ataque às guardas, o assassinato ao governador e todas as mais pessoas da administração publica, o arrombamento da cadeia, o ataque aos conventos, em uma palavra, a desordem e a confusão.

No meio de tudo isso, porém, transparecia entre as sublimidades, que elle entrevia, o indistincto accesso dos pardos e pretos a todos os postos e ministerios publicos e honrosos, ao lado da maior abundancia de dinheiro e honrarias.

Elles já tinham confeccionado um regulamento, onde marcavam o soldo que havia de vencer na nova republica toda a tropa de linha, desde o soldado até o coronel, e os deputados do governo.

N'esta azafuma em que se achavam de alliciações e medidas preventivas ao despontar do dia desejado, veio como um raio petrificar a todos a noticia da prisão do soldado Luiz Gonzaga, e o precedimento da devassa ordenada pelo governador.

Tremeram, é verdade, mas não deixaram se levar por este pavor de occasião.

O queurgia era pôr em liberdade o preso, e prin-

cipiar o rompimento que tinham marcado para um dia de opera a que assistisse o governador, e que agora não tinha outro remedio senão ser o seguimento do primeiro ataque que seria á cadeia onde se achava Luiz Gonzaga.

Este rompimento que seria o primeiro como estava assentado, onde elles, esperançosos e confiados, esperavam constranger o governador a acceitar a tentativa de ser o presidente da nova republica, onde apoderar-se-hião n'esta mesma occasião da casa dos fogos, e apprehenderiam os navios ancorados no porto para os armar logo em guerra, embaraçando sempre qualquer sahida para Lisboa, tinha-se tornado secundario agora.

Era preciso, tornava-se urgente uma reunião geral de todos os alliciados, mas não convinha que ella se effectuasse em casa de João de Deus como era de costume, pois o numero avultado de tanta gente attrahiria certamente a desconfiança publica.

Cogitavam de um ponto mais propicio a esse ajuntamento, quando foi lembrado o campo do dique do Desterro, que foi unanimemente acceito, e escolhido para ponto de reunião.

Tornava-se preciso, porém, avisar a todos para se reunirem no logar designado; e o dia 24, dia em que foi preso Luiz Gonzaga, e o immediato 25 até ás Ave Maria, hora em que teria logar o ajuntamento, foram empregados em avisos e communicações.

Lucas Dantas, indo especialmente ás 8 horas da manhã ao hospital onde se achava de guarda José Joaquim de Siqueira, avisal-o para o ajuntamento no campo do Dique ás Ave Maria, e que fosse á sua casa buscal-o, onde teria occasião de ver pessoas de alta importancia, e seguirem depois para o logar marcado onde se passaria revista e resolveria sobre as medidas precisas

para se effectuar na noite seguinte (26) o ataque à prisão em que estava Luiz Gonzaga, mal sabia, pobre victima, que de volta da reunião elle fosse propriamente denunciar ao general governador tudo o que tinha visto e ouvido.

A'shoras marcadas achavam-se no lugar designado para o ajuntamento João de Deus, o capitão do terço de Henrique Dias, Joaquim José de Sant'Anna, o preto Vicente, Joaquim José da Veiga, Luiz da França Pires, escravo, e o tenente José Gomes.

Muitos outros, que se encaminhavam para a reunião voltaram, porque notavam vultos suspeitos pelas immediações do lugar em que se ia tratar de assumptos transcendentes às realizações da revolução.

Os que compareceram ao lugar marcado, não vendo apparecer mais ninguém, e sem poderem fazer prolongar o tempo, para que não chegasse a hora da ronda, resolveram dispersar-se; n'esta occasião, porém, avistaram um vulto rebuçado em capote, no qual reconheceram o tenente-coronel Alexandre Theotônio de Souza, que já era sabedor dos passos dos sediciosos.

Do grupo dos revoltosos, um que se achava tambem embuçado e que procurava guardar o maior incognito sobre sua pessoa, quiz atirar sobre o dito tenente-coronel; puxando uma das pistolas que trazia, foi, porém, obstado por José Joaquim de Siqueira que tambem se achava presente.

Joaquim José da Veiga e Joaquim José de Sant'Anna, na madrugada do dia 26, denunciaram tudo ao coronel do regimento de artilheria D. Carlos Balthazar da Silveira, que achou prudente e efficaz aconselhar-lhes o maior silencio, e que fossem assistindo disfarçadamente aquellas escandalosas propostas, para se poder melhor

tomar conhecimento de sua alcivosia. Realmente elles tomaram parte em um pequeno conciliabulo no dia 26, que não trouxe resultado algum à projectada rebelião.

A prisão, no dia seguinte, de João de Deus fez abortar a sedição.

Muitos outros, como se vê da nota que junto a este trabalho, foram presos aqui na cidade, e outros em logares de fóra, por terem se evadido desde que foi conhecida a prisão de João de Deus.

Do encadeamento dos diversos processos instaurados aos réos presos, chegou-se a conhecer que algumas pessoas sabiam d'este levante, e estas, portanto, foram julgadas cúmplices.

D'entre ellas destacava-se Francisco Moniz Barretto d'Aragão, professor de grammatica no Rio de Contas, comarca de Jacobina, onde foi preso.

A elle attribuiram os revoltosos a seguinte quadra e decimas que era conhecida e sabida de côr por quasi todos :

«Egualdade e liberdade,
No sacrario da nação,
Ao lado da sã justiça
Preenchem o meu coração.

Se a causa motriz dos entes
Tem as mesmas sensações,
Mesmos órgãos, e precisões
Dados a todos os viventes,
Se a qualquer sufficientes
Meios da necessidade,
Remir deu com equidade;
Logo são imprescritiveis
E de Deus leis infalliveis
Egualdade, e liberdade.

Se este dogma for seguido
 E de todos respeitado,
 Fará bem aventurado
 Ao povo rude, e polido.
 E' assim que florescido
 Tem d'America a nação!
 Assim fluctue o pendão
 Dos francezes, que o imitaram
 Depois que afoutos entraram
 No sacrario da razão.

Estes povos venturosos
 Levantando soltos os braços,
 Desfeitos em mil pedaços
 Feros grilhões vergonhosos,
 Juraram viver ditosos,
 Isentos da vil cobiça,
 Da impostura e da preguiça
 Respeitando os seus direitos,
 Alegres e satisfeitos
 Ao lado da sã justiça.

Quando os olhos dos bahianos
 Estes quadros divisarem,
 E longe de si lançarem
 Mil despoticos tyrannos,
 Quão felizes, e soberanos
 Nas suas terras serão!
 Oh que doce commoção
 Experimentam estas venturas,
 Só ellas, bem que futuras,
 Preenchem meu coração.»

No termo de busca e achada procedia em sua casa foram encontrados diversos cadernos manuscritos sobre a revolução franceza, e livros, entre os quaes notavam-se o 3º e 4º tomos de Julia

ou a Nova Heloise, de Rousseau, e mais dois tomos de obras escolhidas em verso do mesmo autor.

Inquerido sobre a paternidade que lhe davam d'aquellas decimas, desculpou-se dizendo que as tinha copiado de outras que lhe emprestára um moço de Pernambuco, o qual dissêra que o seu autor era um religioso do Carmo de cuja mão as houvera.

Ficou crível, porém, que foram feitas por elle pois que além de possuir alguns conhecimentos fóra do commum, notava-se no proprio papel, achado em sua casa, onde se as viam escriptas, emendas e substituições de palavras que só ao autor conviria fazel-as.

IV

Como a inconfidencia mineira, a sedição de 1798 teve o seu desenlace fatal e funebre.

As mesmas cerimonias, o mesmo cortejo de formalidades necessarias ao cumprimento das ordens régias, enfim, tudo que podesse atrahir a attenção publica para o edificante exemplo do castigo, foi executado fielmente em observancia às altas ordens recebidas.

Assim como a cabeça de Tiradentes, cahiram os corpos inanimados dos sediciosos bahianos!

Seus corpos esquartejados e divididos, tambem foram fincados como padrão de ignominioso e nefando crime.

O castigo aos outros, a deportação, a morte moral levada mingudadamente ao coração do pae, do filho, do esposo que deixa na orphandade sua prole stygmatisada com o labêo de descendentes de um condemnado, fóra recommendado agora de circumstancias especies.

Era nos termos seguintes que Sua Magestade a ordenava :

«Querendo Sua Magestade que dentre os seus fieis vassallos sejam separados e inteiramente banidos todos aquelles que com as suas pessimas doutrinas podem perturbar o socego e tranquillidade publica: E' a mesma Senhora servida que V. S. ordene que todos os réos, que sendo complicados na conjuração urdida n'essa cidade, forem sentenciados a desterro, o sejam para logares de Africa não sujeitos á real corôa, afim de que o veneno dos seus falsos principios não possa jamais contaminar aquelles dos seus vassallos que justamente se conservam no verdadeiro reconhecimento dos seus deveres; o que Sua Magestade confia que V. S. pratique com o mais exacto cumprimento. Deus guarde a V. S. —Palacio de Queluz, em 9 de Janeiro de 1799 »

Depois da execução da sentença aos réos d'esta sedição, depois de ter corrido o sangue brasileiro pela segunda vez, tentandô a côrte de Lisboa assim apagar no Brazil a lava incandescente e contaminaza dos principios liberaes, tranquilisava-se ella e Sua Magestade a rainha das inquietações que lhe perturbavam o socego regio, com a minuciosa e elucidativa carta que o governador da capitania, D. Fernando José de Portugal, dava conta do cumprimento exacto que tiveram as reaes ordens, e do resultado final da conspiração.

Esta carta que nos mostra o fim que tiveram os sediciosos bahianos era assim escripta : « Depois de largas e repetidas conferencias em Relação com assistencia minha, afim de examinarem com a maior ponderação e circumspecção os processos dos réos, dos papeis sediciosos espalhados nas principaes partes d'esta cidade, e dos que intentaram urdir um levantamento, foram

estes sentenciados, na forma da lei, e carta regia de 22 de Dezembro de 1798, que se me expedio a este respeito, proferindo-se contra elles os accordãos que remetto por copia, pelos quaes será constante a V. Ex. as penas que se lhe impuzeram, segundo as diversas imputações que contra elles havia, soffrendo a de morte natural quatro, como principaes cabeças de semelhante attentado, que foi n'elles executada no dia 8 de Novembro passado na Praça da Piedade, por ser uma das mais publicas d'esta cidade, assistindo a este acto funebre, mas indispensavel, os regimentos d'esta guarnição.

Poz-se egualmente em observancia o officio de V. Ex. de 9 de Janeiro do presente anno, sendo inteiramente separados d'entre os fieis vassallos e banidos por toda a vida para logares de Africa não sujeitos á corôa de Portugal aquelles réos que estavam n'estas circumstancias, que já foram remettidos em varias embarcações do gyro da Costa da Mina, recommendando-se aos respectivos mestres que os lançassem n'aquelles sitios, havendo outros individuos no numero de poucos que foram degradados por terem menos culpa para Angola, Benguela e Ilha de Fernando de Noronha, sendo o tenente do 2.º regimento de linha—Hermogenes Francisco d'Aguiar Pantoja e o tenente de artilharia José Gomes d'Oliveira, condemnados a uma prisão temporaria de seis mezes, para assim espiarem as leves imputações que contra elles resultavam dos autos, condemnados ao todo nas diversas penas que aponto, e na de açoites vinte e um, e postos em liberdade dezeses em quem se não considerou culpa alguma.

O desembargador ouvidor geral do crime Manuel de Magalhães Pinto Avelar de Berbedo e o desembargador Francisco Sabino Alvares da Costa

Pinto trabalharam com zelo e actividade n'esta importante diligencia de que foram incumbidos.

Deus guarde a V. Ex. Bahia, 19 de Dezembro de 1799. Ilm. e Exm. Sr. D. Rodrigo de Souza Coutinho.—*D. Fernando José de Portugal.*

Debalde procurei conhecer a qualidade da *morte natural* que levaram os desgraçados sediciosos, mas, o que é certo, é que seus corpos soffreram infamações eguaes ás do martyr mineiro, e esperarião pelo raiar da independencia, si o seu estado de putrefacção não chamasse a attenção e cuidados do provedor da saude a bem dos habitantes.

A representação que este levara ao governador, pedindo a remoção d'aquelles destroços humanos, em remettida ao desembargador Francisco Sabino Alvares da Costa Pinto para informar, e este a despachara assim:

« Ilm. e Ex. Sr.—Por accordão da relação de 5 do corrente mez, sustentado no dia 7 se declarou para manifestar a gravidade e enormidade do delicto a que se precipitaram os infames réos do levante urdido n'esta cidade que os cadaveres dos tres principaes, Lucas Dantas, João de Deus e Manuel Faustino, fossem esquartejados, separadas as cabeças, estas e os quartos postados em logares publicos, e n'aquelles onde os passos do seu crime foram mais repetidos e mais aggravantes: em cumprimento do dito accordão se procedeu nas diligencias necessarias, e se executou o que n'elles foi determinado no dia 9.

Pretende agora o provedor da Saude que V. Ex. haja de mandar extrahir dos ditos logares aquelles monumentos, pelos motivos que expende em seu requerimento, sobre o qual me manda V. Ex. informar. A este effeito procedi ao exame incluso com medico e cirurgião da Camara, que assentaram

ser necessario a prompta e immediata extracção que a supplicante requer, pelos exhuberantes e muito attendiveis motivos que ponderam, os quaes, por isso que fundados no importante objecto da saude dos povos, tão recommendada e respeitada na sociedade, têm o primeiro acolhimento no eximio animo de V. Ex.

E ainda que por sentimento uniforme dos melhores criminalistas, só por mandato especial e licença expressa de Sua Magestade se possa fazer semelhante extracção; de sorte que nem a Relação nem o Regedor a devam permittir, é comtudo incontestavel que na longitude do throno, onde se não podem ir buscar as providencias extraordinarias que o concurso de urgentes circumstancias exige, só a V. Ex. como governador e capitão-general d'esta capitania, pertence conferil-a.

A' vista do que deferirá V. Ex. o que mais justo lhe parecer.

Deus guarde a pessoa de V. Ex. por muitos annos.
Bahia, 11 de Novembro de 1799.—O desembargador, *Francisco Sabino Alvares da Costa Pinto.* »

Transcrevo para aqui uma carta do réo Luiz Gonzaga, escripta antes de apparecerem os papeis sediciosos, que bem comprova o que a principio disse sobre o character d'esta sedição.

Ella serviu de base na verificação da letra, de onde chegou-se a conhecer o verdadeiro autor dos papeis apparecidos n'esta cidade em Agosto de 1798.

Eil-a :

« Illm. e Exm. Sr. Luiz Gonzaga das Virgens, soldado do primeiro regimento e quarta companhia de granadeiros d'esta guarnição, com o mais profundo respeito recorre a V. Ex. com a supplica seguinte :

Que sendo os homens pardos recrutados e ad-

—Felix Martins dos Santos, pardo, solteiro, natural d'esta cidade, tambor-mór do 2.º regimento de milicias d'esta praça, preso em 1.º de setembro do mesmo, solto em 3 de dezembro

—Joaquim Antonio da Silva, branco, solteiro, natural d'esta cidade, sargento do regimento pago de artilharia, preso em 4 de setembro do mesmo anno.

—José Gomes d'Oliveira Borges, branco, solteiro, tenente do regimento pago de artilharia e natural d'esta cidade, preso em 4 de setembro do mesmo anno.

—Felipe Nery, pardo, solteiro, escravo de Manuel José Vilella de Carvalho, preso em 4 de setembro do mesmo anno.

—Gonçalo Gonçalves d'Oliveira, pardo, livre, solteiro, natural d'esta cidade e alfaiate, preso em 7 de setembro do mesmo anno.

—Domingos Pedro Ribeiro, pardo, livre, solteiro, natural d'esta cidade, e bordador, preso em 10 de setembro do mesmo anno.

—Lucas Dantas d'Amorim Torres, pardo, livre, solteiro, soldado do regimento pago de artilharia, e natural d'esta cidade, preso em 15 de setembro do mesmo anno.

—Domingas Maria do Nascimento, parda, forra, solteira, natural d'esta cidade, presa em 15 de setembro, solta em 16 de setembro do mesmo anno.

—Anna Romana Lopes, parda, forra, solteira, natural d'esta cidade, presa em 15 de setembro, solta em 20 do mesmo anno.

—Manuel Faustino dos Santos Lira, pardo, forro, solteiro, natural do termo da villa de Nossa Senhora da Purificação de Santo Amaro, alfaiate, preso em 16 de setembro do mesmo anno

—José Raymundo Barata de Almeida, branco,

sada justiça assim o pede: e, porquanto o supplicante é um individuo da classe dos referidos desgraçados, tem a magoa, magoa inconsolavel de ver subir aos postos aquelles que nada mais têm, que a unica côr branca, não havendo outros relevantes motivos que constituam differentes merecimentos e nobiliarchia.

Exm. Sr., é bem certo que os grandes do mundo embalados com as suas phantasias não se humanisão senão com aquelles que lhes são eguaes ou immediatos aos seus imaginados respeitos ou constituídos por uma merita contextura. Visto, pois, declaro Senhor, serem todas as graças do regio patrocínio distribuidas pelas mãos eximias de V. Ex. ornado, o qual como exoravel tem merecido o titulo de pio, si bem que só para os homens brancos que militam, recorre, como desamparado do microcosmo, a piedade de V. Ex. para que seja servido promover n'elle o posto de um dos ajudantes do quarto regimento concernente ao dito, e aos seus semelhantes, ou outro qualquer que fôra d'esta cidade fôr contemplado, tudo assim em virtude do exposto supra, e por se offerecer no dito aptidão, como consta, sendo porém, do agrado de V. Ex., que como senhor mandará o que fôr servido, que com esta condição espera o dito supplicante receber esta memoravel e sempre egregia—Mercê—».

Ahi tem, pois, o leitor benevolo e illustrado, este mal traçado e pequeno estudo de um facto que, si não era completamente desconhecido para aquelles que mais profundamente se dedicam ao estudo da nossa historia, o era, assim o creio, para os que só se limitam a conhecer o que se tem impresso.

Publicando-o, tive só em mente divulgá-lo, incitando assim o estudo da nossa historia particular.

onde se encontram scenas brilhantes e edificantes exemplos; historia tão esquecida e ignorada, que estudada e seguida nos ha de levar seguramente ao comicio dos povos que edificaram todo o seu bem estar politico e social firmados no estudo de sua historia primitiva.

Agora mais do que nunca é necessario e urgente que o povo conheça a sua historia; estudal-a e aprecial-a imparcialmente será o facto que o ha de guiar n'esta nova cruzada que se abre cheia de incertezas, onde novas e grandes reformas têm de se succeder simultaneamente.

No tecido emmaranhado d'esta sedição, vemos sobresahir altivo o character bahiano, marchando sempre na vanguarda das medidas as mais liberaes, e pondo sempre em relevo o seu patriotismo cercado das maiores abnegações.

A sedição que manifestou-se claramente em Agosto de 1798, já ha muito tempo fermentava-se no espirito bahiano.

Encontramos em documentos da época da inconfidencia mineira, o mesmo em alguns anteriores a ella, já um quer que seja de anormal no socego e tranquillidade colonial d'esta antiga capitania, que nos faz suppor a faísca que ateou o incendio no craneo dos revoltosos de 98.

Não quero com isto affirmar, sem que possua documentos concludentes, que d'aqui foi que sahiu o primeiro grito de revolta contra o jugo portuguez.

Mas o que é certo é que Minas e a Bahia foram as primeiras a manifestar-se, conhecendo que n'aquella época, já era tempo de se poder viver independente.

Cerquem, impugnem de que quizerem o levante bahiano, que não deixará jamais de ser a expressão activa de um patriotismo provado.

Tentaram libertar-se, mas cahiram!

Porém dos destroços trucidados d'estas victimas, e das lagrimas dos deportados bahianos e mineiros, o anjo da victoria fundio em noventa e tantos annos no crisol da liberdade, a aurora que illuminou o Brazil em 15 de Novembro de 1889.

«Relação das pessoas presas por occasião dos factos revolucionarios, de que tem devassado o desembargador de aggravos da Relação d'esta cidade da Bahia, o Dr. Francisco Sabino Alvares da Costa Pinto, por portaria do Illm. e Exmo. governador e capitão general d'esta capitania D. Fernando José de Portugal, com declaração dos dias em que foram ellas presas, e das solturas de algumas:

—Domingos da Silva Lisboa, pardo, livre, solteiro, natural de Lisboa, alferes da companhia de granadeiros do 4.º regimento de milicias d'esta cidade da Bahia, e requerente nos auditorios, preso em 16 de agosto de 1798, solto em 10 de novembro de 1798.

—Luiz Gonzaga das Virgens, pardo, livre, solteiro, natural da cidade da Bahia, soldado granadeiro do primeiro regimento de linha d'esta praça, preso em 24 de agosto de 1798.

—João de Deus do Nascimento, homem pardo, livre, casado, natural da villa da Cachoeira, cabo de esquadra do 2.º regimento de milicias d'esta praça e mestre alfaiate, preso em 26 de agosto de 1798.

—Luiza Francisca d'Araujo, parda, livre e casada com o sobredito João de Deus, presa em 26 de agosto do mesmo, solta em 28 de setembro de 1798.

—Manoel Pereira, crioulo, livre, solteiro, natural d'esta cidade e cabelleireiro, preso em 26 de agosto do mesmo, solto em 26 de agosto do mesmo anno.

—Manuel do Nascimento, pardo, livre, solteiro, natural da villa da Cachoeira, soldado do 4.º regimento de milicias, alfaiate, residente n'esta cidade da Bahia, preso em 26 de agosto do mesmo, solto em 6 de novembro do mesmo anno.

—Lucrecia Maria Quent, creada, forra, solteira, natural d'essa cidade, presa em 26 de agosto do mesmo, solta em 5 de setembro do mesmo anno.

—Caetano Velloso Barretto, homem branco, casado, natural da villa de Alagoas, soldado do 2º regimento de linha d'esta praça, preso em 26 de agosto do mesmo anno.

—José Joaquim de Siqueira, homem branco, solteiro, natural da cidade do Porto, soldado granadeiro do 1.º regimento de linha d'esta praça, preso em 26 de agosto do mesmo anno.

—Ignacio da Silva Pimentel, pardo, livre, natural da Jacobina, solteiro, soldado granadeiro do 2º regimento de linha, preso em 27 de agosto do mesmo anno.

—Luiz da França Pires, pardo, escravo do secretario d'este estado, José Pires de Carvalho e Albuquerque, solteiro, natural d'esta cidade e alfaiate, preso em 27 agosto do mesmo anno.

—Antonio José, cabra, escravo do tenente-coronel Caetano Mauricio Machado, e seu bolheiro, preso em 28 de agosto do mesmo e falleceu em 29 de agosto.

—Vicente, preto, de nação Mina, escravo do tabellião Bernardino de Senna Araujo, solteiro e alfaiate, preso em 29 de agosto do mesmo anno.

—Romão Pinheiro, homem pardo, solteiro, natural d'esta cidade, soldado granadeiro do 1.º regimento de linha d'esta praça, preso em 30 de agosto do mesmo anno.

—José Felix da Costa, pardo, solteiro, escravo de Francisco Vicente Vianna, natural d'esta cidade, preso em 31 de agosto do mesmo anno.

scriptos ao gremio militar das tropas pagas, que recaindo sobre elles todos os deveres do bellico trabalho da infallivel fidelidade de expor as suas vidas pelo bem da real corôa do estado, da nação e tudo quanto é inherente aos que abraçam a profissão militar voluntaria e coactamente: que sendo os ditos homens pardos da mesma massa e sensibilidade dos outros individuos albicantes da sociedade militar e civil, sem mais differença que a da cor, accidente dissimilar com que a distinguu a natureza, ou os phenomenos dos ceos, ficado os ditos, comtudo, parciase equipotentes aos homens brancos, tanto pela substancia material, como tambem pela principal (ou espiritual) segundo a consistencia microcosmica: que sendo os ditos contemplados e contidos indissoluvelmente no regio ynculo da boa união, são comtudo por abuso officioso, ignorancia supina e uma menos rasgada distincção, reputados nas tropas pagas e auxiliares da compatibilidade dos homens brancos como objectos da escravidão, do desprezo, como pipsémas de baixa estofa, e, finalmente, como exterminados ou espurios do minimo accesso e gradação dos postos; mas, supposto que os ditos homens pardos sejam obrigados a militar por muitos e delatados annos desde a adolescencia até perderem as forças, a saude, e a propria vida, sem descaño e sem premio, que só o que faz gostosos os trabalhos preteritos e o agente que anima os entes a soffrer as imminencias futuras, apenas não são verificados em uma lisongeira e futura esperança de accesso, de louvor, de premio, não na compatibilidade sagrada dos homens brancos, porém na dos seus semelhantes—com serem extrahidos para o quarto regimento erecto por ordem real para subsistencia dos ditos, pois pareça que toda a razão e humanidade, e a mais bem analy-

natural d'esta cidade, solteiro, vivia de escripta, preso em 9 de setembro do mesmo anno.

—Cypriano José Barata d'Almeida, branco, natural d'esta cidade, casado, cirurgião, preso em 19 de setembro do mesmo anno.

—Antonio Simões da Cunha, pardo, livre, natural d'esta cidade, casado e pedreiro, preso em 19 de setembro do mesmo anno.

—José do Sacramento, pardo, forro, soldado do 4.º regimento de milicias, solteiro e alfaiate, preso em 26 de setembro do mesmo anno.

—José Freitas Sacoto, pardo, livre, natural de Pernambuco, applicado à arte de cirurgia, e casado preso em 3 de outubro do mesmo anno.

—Mauel José da Vera-Cruz, pardo, escravo do secretario d'este estado José Pires de Carvalho e Albuquerque, natural do Rio-Real, e solteiro, preso em 4 de outubro do mesmo anno.

—Ignacio Pires, pardo, escravo do mesmo secretario, natural d'esta cidade, é carapina, preso em 4 de outubro do mesmo anno.

—Fortunato da Veiga S. Paulo, pardo, forro, natural d'esta cidade, solteiro, e carapina, preso em 4 de outubro do mesmo anno.

—José Pires, pardo, escravo de D. Maria Francisca da Conceição e Aragão, natural d'esta cidade, solteiro e alfaiate, preso em 4 de outubro do mesmo anno.

—Salvador, creoulo, escravo do capitão Paulino de Sá Tourinho, natural d'esta cidade, solteiro, e cabellereiro, preso em 4 de outubro, solto em 6 do mesmo.

—Cosme Damião Pereira Basto, natural d'esta cidade, pardo, escravo de Joaquim Pereira Basto, solteiro, alfaiate, preso em 5 de outubro do mesmo anno.

—Nicolau d'Andrade, branco, natural d'esta

cidade, solteiro e gravador, preso em 7 de outubro do mesmo anno.

—Salvador Pereira Sodré, pardo, livre, natural d'esta cidade, solteiro, e caixeiro de engenho, preso em 9 de outubro e solto a 22 do mesmo.

—Manuel Pereira Severio, pardo, forro, natural d'esta cidade, solteiro, e alfaiate, preso em 12 de outubro, solto em 17 do mesmo.

—João Felix dos Santos, pardo, livre, natural d'esta cidade, e solteiro, preso em 13 de outubro, solto em 25 do mesmo.

—José Roberto de Sant'Anna, pardo, forro, natural d'esta cidade, marceneiro, preso em 13 de outubro, solto em 25 do mesmo.

—Manuel José dos Santos, branco, natural de Portugal, solteiro, soldado granadeiro do 1.º regimento de linha d'esta praça, preso em 13 de outubro, solto em 20 do mesmo.

—José Francisco de Paula, pardo, livre, solteiro, natural d'esta cidade e gravador, preso em 14 de outubro, solto em 3 de dezembro do mesmo anno.

—Joaquim Machado Peçanha, pardo, livre, natural d'esta cidade, solteiro e alfaiate, preso em 15 de outubro, solto em 25 do mesmo anno.

—João Fernandes de Vasconcellos, branco, casado, alfaiate, preso em 5 de novembro do mesmo anno.

—Hermogenes Francisco d'Aguiar, tenente do 2.º regimento de linha d'esta praça, branco, casado, natural d'esta cidade, preso em 4 de janeiro de 1799.

—Manuel de Sant'Anna, soldado do 2.º regimento de linha d'esta praça, homem pardo, natural d'esta cidade, preso em 1 de fevereiro de 1799.

—Francisco Moniz Barretto d'Aragão, homem

branco, natural d'esta cidade, solteiro, professor
regio de gramatica no Rio de Contas, comarca
de Jacobina, onde foi preso em 1 de fevereiro
de 1799.

—Bahia, 2 de fevereiro de 1799 Desembargador.
—*Franciso Sabino Alvares da Costa Pinto.*

José Carlos Ferreira.

Arquivo Publico da Bahia, em dezembro de 1890.

Historia Patria

OS DE ARAGÃO

ALCAIDES-MÓRES

SECULO XVII

Ao Dr. Egas Moniz Barretto de Aragão

A alcaidaria-mór da cidade de Salvador esteve, pode-se assim dizer, de 1554, quando foi nomeado Diogo Moniz Barretto, primeiro na ordem chronologica por mim estabelecida, á 1814 quando extinguiu-se esse cargo, occupado então por Pedro Dias Paes Leme da Camara, em quatro das mais nobres e illustres familias da Bahia e do Brazil.

De 1554 a 1647 ella conservou-se na familia Moniz Barretto, cuja ascendencia illustrissima é encontrada em Portugal desde a chegada de D. Thereza e do conde D. Henrique em 1109, ao condado Portucalense; entre ella e a dos Telles de Menezes, de menos e muito mais moderna fidalguia, e que conservou a alcaidaria sómente por duas vidas, temos Felippe de Moura de Albuquerque e Henrique Henriques de Miranda que, embora de boa linhagem, não podiam deixar de ter para occupar tal cargo, ficam offuscados e desapparecem ao lado de tão nobres senhores.

Depois dos Telles temos Sebastião de Araujo e Lima, nomeado pelo marquez das Minas pelo prazo de um anno, enquanto o monarcha portuguez não preenchesse a vaga deixada por Francisco Telles.

D. Pedro II, então reinante, nomeou, porém, para esse alto cargo a Francisco de Araujo de Aragão, á quem succedeu na alcaidaria-mór seu filho Manoel de Araujo de Aragão; pertenciam elles a scol da nobreza e fidalguia da Bahia, não sômente pelo nascimento illustre, pela ascendencia remota e nobre como também pelos serviços que havia muitas gerações prestava sua familia á Bahia.

Entre esta e a dos Paes Lemes, que é a quarta a que nos referimos, não aqui nascida, mas não menos illustre que as citadas, e que conservou a alcaidaria por três vidas, temos a Salvador Pires de Carvalho, em 1743, fidalgo também, e dos mais antigos e conceituados da outr'ora capital do Estado do Brazil.

A carta regia de D. Pedro II, de 1 de Março de 1687, nomeando para o elevado cargo de que tratamos o neto de Balthazar de Aragão, é um dos documentos mais nobilitantes que dar se pode, para aquelles que conservam como reliquias essas tradições sagradas dos avós illustres e cuja benemerencia augmenta com o decurso dos seculos; esse papel amarelento donde resaltam as escripturas do seculo XVII e da chancellaria portugueza, é incontestavelmente uma preciosidade.

Havia então na Bahia uma familia que gosava de incontestada e merecida influencia e preponderancia pelas suas tradições intimamente ligadas á propria historia da capitania de Coutinho, tradições que confundem-se com a legenda adoravel que todos os povos em sua origem se aprazem em venerar.

Quando, pelos annos de 1595 a 1599, veio a Bahia como capitão mór o celebre governador de Angola Balthazar de Aragão, preponderava na Bahia pela fortuna, pela vastidão das suas propriedades, pela tradição incomparavel de seu nome, a descendencia legitima, illustre e venerada de Diogo Alvares e da princeza brasileira Catharina Paraguassú.

Das filhas legitimas deste matrimonio, realizado pelos padres que acompanharam a Coutinho a Bahia pelos annos de 1535 a 1536, Genebra Alvares casou-

se com Vicente Dias de Beja, natural do Alemtejo, fidalgo da casa do infante D. Luiz.

Deste matrimonio nasceram varios filhos que foram os troncos das mais illustres familias de então, e dentre elles Maria Dias que desposou a Francisco de Araujo, da nobilissima familia deste appellido que ha na provincia de Entre Douro e Minho.

Com a filha primogenita de Maria Dias, bisneta em linha directa de Catharina, casou-se Balthazar de Aragão em 13 de novembro de 1599.

Este capitão-mór, fidalgo portuguez, homem de guerra, de renome e de serviços, tivera o mesmo posto em Angola, sendo appellidado o Bangala, inflexivel, pelo rigor com que tratava os negros. Morou aqui na Bahia na rua que ainda hoje conserva a sua alcunha, na actual freguezia de Sant'Anna.

A respeito da sua morte gloriosa em 1613 escrevemos em outra occasião alguma cousa sobre o que havia de historico e de legenda no facto de ter elle equipado e armado á sua custa uma sua não de guerra e sahido a pelear com as caravellas holandezas que de continuo forçavam o formoso tracto de mar que forma o nosso porto, devastando o littoral, e activos e intangiveis tornando á patria com grandes despojos.

O brioso e destemido guerreiro não podia supportar que quasi diariamente a fortaleza do morro de S. Paulo dêsse signal da approximação de algum veleiro inimigo; signal aquelle que era reproduzido pelos demais fortes da nossa extensa e mal defendida costa e pelos templos da nascente cidade que tocavam a rebate, sobresaltando as populações, perturbando a vida particular e social da nova capital.

Um dia a impetuosidade do seu valor e do seu orgulho levaram-n'o á loucura de despendar avultadas sommas de sua fazenda, armando em guerra uma sua não, na qual sahiu á lutar contra uma outra hollandesa que apparecera arrogante no horizonte encinzellado do norte, em uma tarde de verão do anno de 1613.

O que foi a lucta não nos dizem as chronicas

nem a tradição, nem os chartularios coevos desse successo que tão fundamente deveria ter impressionado esta cidade, não só pelo valor do capitão mór, como também pela perda de um homem de sua importancia, da sua familia e dos seus haveres.

A não de Balthazar de Aragão foi a pique e o homem inflexivel de Angola morreu nesse encontro.

Do seu enlace com Maria de Araujo teve varios filhos e dentre elles nos interessa Francisco de Araujo de Aragão, que serviu com sua pessoa e grandes quantias nas guerras de Pernambuco, senhor do Engenho Novo no Paraguassú, casado com D. Anna de Barros Sueiro, de quem teve Manoel de Araujo de Aragão, coronel das ordenanças e um dos homens mais autorisados do seu tempo, e Francisco de Araujo de Aragão, o primeiro alcaide-mór desta nobre familia.

Pelo fallecimento de Balthazar de Aragão, sua viuva desposou Pedro Garcia, a quem chamaram o velho, mercador mui rico, cujo filho, o coronel Francisco Gil de Araujo foi donatario da capitania do Espirito Santo, por compra que fez ao almotacémor Luiz Gonçalves da Camara Coutinho pela somma de quarenta mil cruzados. Maria de Araujo falleceu a 9 de Março de 1633, sendo sepultada na Misericordia.

Francisco de Araujo de Aragão, que foi também capitão na Bahia, prestou em varias occasiões relevantes serviços, e estes unidos aos de seu pae e avô lhe valeram a carta regia de 1.º de março de 1687 que o nomeou alcaide-mór da Cidade do Salvador.

Este alto cargo, investido em uma familia já poderosa, tornou ainda maior a influencia e importancia de que ella gosava, tornando-se assim, Francisco de Aragão, o chefe della pela elevada posição que occupava.

A força, prosperidade, a grandeza desta familia provinham principalmente da união de todos os seus membros, e causou, por esse motivo, impressão a lucta travada entre o alcaide-mór e seu irmão o

coronel Manoel de Aragão de um lado e o mestre de campo Jeronymo Sodré Pereira, marido de sua irmã Francisca de Aragão, do outro, este apoiando as pretensões de João Amaro Maciel Parente sobre a villa de Santo Antonio da Conquista, nas terras dos Maracás, que pertencia então ao coronel Manoel de Aragão.

Esse acontecimento occupou durante algum tempo o espirito publico e o temor de que assumisse proporções demasiado serias foi tal que a corte portugueza, reinando então D. Pedro II, teve de intervir directamente na contenda, e na carta regia de 17 de Janeiro de 1698 aquelle monarcha recomendava ao então vice-rei D. João de Lancastre que «convinha acudir com prompto remedio, e evitar a ruina entre vassallos de tanta importancia, e dos principaes desse Estado, de que se podem conseguir tantas consequencias» e para isso ordenava que os contendores comparecessem á presença do governador onde deveriam assignar o termo pelo qual se obrigariam a não mais contender, nem por si, nem por interposta pessoa.

Está tão intimamente ligada á vida dos Aragão a historia de João Amaro, que, de certo, não deixa de ter seu interesse esboçal-a aqui rapidamente e relatar o motivo de tão importante contenda.

Era João Amaro filho herdeiro do celebre aventureiro paulista Estevão Ribeiro Bayão Parente que, em 1671, no governo de Affonso Furtado de Mendonça do Rio e Menezes, visconde de Barbacena, viera á Bahia capitaneando a gente que o governador anterior Alexandre de Souza Freire, pedira a Pedro Vaz de Barros, rico e poderoso morador de S. Paulo, para auxiliar-o na guerra contra o gentio que assolava o reconvado.

Os serviços deste homem foram extraordinarios, e deveu-se-lhe a terminação das hostilidades dos indigenas, afugentados do littoral, perseguidos e internados pelos invios sertões.

Essa victoria foi aqui muito festejada, e o governador officiou á camara de S. Paulo concitando-a

a applaudir a gloria dos seus naturaes; a propria Relação da Bahia e o senado da camara dirigiram-se igualmente ao d'aquella cidade agradecendo tão extraordinarios serviços. O vencedor trouxera á Bahia mil e quinhentos indios prisioneiros, tendo morrido de peste mais de oitocentos.

Como era natural, grandes foram tambem as recompensas e a primeira que teve foi uma sesmaria das terras que conquistára ao barbaro gentio, onde o conquistador aventureiro iniciou a fundação de uma villa.

Foi esta villa a origem da grande lucta entre os Aragão e João Amaro.

Estevão Ribeiro falleceu na Bahia, achando-se seu filho em S. Paulo, de onde veio immediatamente, seguindo as conquistas de seu pae, ao qual sempre acompanhara nas perigosas entradas pelos sertões até então não visitados.

Não sabemos porque, em 1678, pouco mais ou menos, pedia Manoel de Araujo de Aragão, ao então governador Menezes permissão para fundar á sua custa uma villa com a denominação de Santo Antonio da Conquista, nas terras dos Maracás, paragem já anteriormente escolhida por Estevão Ribeiro para a edificação della, licença que lhe foi concedida em consideração a ser elle coronel de um dos regimentos desta cidade, pessoa de qualidade, serviços e cabe-daes. Essa licença foi confirmada pela alvará regio de D. Pedro II, datado de 10 de Abril de 1688, a requerimento do mesmo coronel, com as clausulas de ser capitão mór da villa que fundasse, com o mesmo regimento que o visconde de Barbacena dera a Estevão Ribeiro e de ser seu donatario, direito que passaria a seus herdeiros, etc. O alvará citado ordenava que se passasse carta de donatario a Manoel de Aragão logo que a villa fosse fundada e nella houvesse cincoentas casaes de portuguezes e uma egreja decente.

Pelos documentos interessantissimos que possuímos vê-se que o coronel Aragão temia qualquer opposição por parte das autoridades, porque, logo

no anno seguinte, em 1689, elle representava ao rei, receioso de que, pela continua mudança de governadores, não se cumprisse o alvará do anno anterior.

A carta regia de 8 de Janeiro de 1690, porém, ordenava ao então governador interino frei Manoel da Encarnação, arcebispo da Bahia, substituto de Mathias da Cunha, victima da peste que assolou esta cidade em 1688, que fizesse cumprir o referido alvará como nelle se continha.

Durante este tempo João Amaro havia-se internado pelos sertões, continuando com grande difficuldade as conquistas de seu pae; voltando á Bahia pelos annos de 1692 ou 1693 encontrou o coronel Aragão donatario das terras que haviam sido de Estevão Ribeiro, reclamando immediatamente da metropole o direito que lhe cabia de substituir a seu pae, obtendo então a carta régia de 18 de Janeiro de 1694 que lhe dava o senhorio das conquistas, na forma da mercê feita a seu pae.

O mestre de campo Jeronymo Sodré Pereira, nesta contenda, apoiava as pretensões de João Amaro, e até auxiliou-o a ir ao Reino, onde a Relação resolveu a seu favor. Por esse motivo as paixões chegaram a um extremo tal que motivaram a carta regia citada, terminando finalmente esta lucta que poderia ter convulsionado esta capital ha quasi tres seculos.

Como era natural, o nosso alcaide mór Francisco de Aragão interveio na contenda tomando parte muito activa, vindo a fallecer muito depois em 8 de Julho de 1705 depois de 18 annos de exercicio d'aquelle elevado cargo, tendo prestado preito e homenagem em 2 de Outubro de 1687; foi sepultado no Carmo, onde não me foi possível encontrar a sua sepultura apesar das mais pacientes pesquisas.

De seu matrimonio com D. Agueda de Góes, em 28 de Agosto de 1688, teve varios filhos, e foi seu primogenito Manoel de Araujo de Aragão que o substituiu na alcadaria mór da Bahia, cuja mercê

foi a primeira que fez D. João V para o Brazil, fazendo preito e homenagem nas mãos do governador Luiz Cesar de Menezes em 21 Junho de 1704.

Este alcaide mór exerceu o cargo durante 20 annos, e durante este largo lapso de tempo viu passar pela Bahia os governadores Luiz Cesar de Menezes, D. Lourenço de Almada, o conde de Castello Melhor, o marquez de Angeja, o conde de Vimieiro e o conde de Sabugosa, 4º vice-rei do Brazil. Nesse periodo importantes successos se desenrolaram na scena politica do novo mundo; a invasão do Rio de Janeiro pelos francezes echoou lugubrememente na Bahia, cuja praça lhe estava confiada, e grande foi a precipitação com que se concluíram as fortificações de Itaparica, e a defeza das costas. Em 1611, durante o governo do conde de Castello Melhor, pela execução do imposto de 10 % sobre todos os artigos de importação, o povo revolucionou-se e durante dias esteve paralyzada a vida social; presenciou a horrivel execução de vinte e dous piratas em um só dia, e de cinco no immediato, enviados do Rio, e condemnados pela Relação, mas cujo doloroso espectaculo ensombreiro tristemente para sempre, na tradição popular, o nome do governador conde de Vimieiro.

Esse alcaide mór que tanta parte deveria ter tomado em todos os acontecimentos daquella epocha, falleceu solteiro a 16 de Agosto de 1727, extinguindo-se assim aquelle cargo nesta illustre familia.

INNOCENCIO GÓES

Janeiro de 1900.



EPHEMERIDES CACHOEIRANAS

POR

Aristides A. Milton

NOVEMBRO

1.º de Novembro

Em 1844, partiu d'esta cidade uma extensa caravana, composta de negociantes, artistas, e cavouqueiros, em demanda do sitio conhecido por *Mucugê*, nome tirado do pequeno rio que o banha.

Fôra ali que, conforme se propalava, José Pereira do Prado, primeiramente e, depois d'este, alguns aventureiros, tinham apanhado quantidade consideravel de pedras de diamante.

Seguindo-se d'esta cidade pela estrada geral, em direcção de O., se sobe, após uma viagem de 380 kilometros approximadamente, a ladeira do Carrapato. Ahi tem começo, com o nome de Sincorá (ou Cincurá) uma—a primeira—das quatro serranias, componentes da cordilheira que, partindo do sul, e limitando o Estado de S. Paulo com o de Minas-geraes, avança pelo interior do da Bahia. Dividindo, então, as aguas que correm para o rio S. Francisco das que se encaminham para o rio das Contas, e para o Paraguassú aonde o Mucugê despeja, ella afinal entra n'aquelle, e fórma essa soberba maravilha, que se conhece pelo nome de *Cachoeira do Paulo Affonso*.

A povoação do Mucugê passou a ser—ultimamente—cidade de S. João do Paraguassú, e convém reconhecer que é interessante a sua historia.

Como se sabe, a descoberta das *lavras diamantinas* occorrida em setembro do anno já citado, foi causa de uma revolução economica em toda a provincia, hoje Estado, da Bahia.

A zona diamantina, inteira, povoou-se como por encanto, com pessoas emigradas de toda parte do Brazil, e sobretudo de Minas—geraes.

De sorte que, uma grande porção de terreno, deserto em parte, na distancia de 300 kilometros mais ou menos, sendo a menor de 122 para as povoações mais vizinhas então, offereceu seu seio opulento para acolher n'elle—quasi de chofre—uma multidão superior a 30.000 almas.

Entre ellas achavam-se centenas de desertores, e criminosos, attrahidos por duplo interesse: o da impunidade, que a falta de policia lhes assegurava, e o da lavra, que a cobiça lhes aguçava.

E a população foi crescendo, dia a dia. Por isto, agora ali campêam tres cidades e varias villas, fóra o numero elevado de *garimpos*, disseminados pelas comarcas de Lenções, e do Paraguassú, formadas ambas por essa famosa região, que se desdobra em *chapadas* vastas, a que põem remate concavos rochedos e penedias brancas.

Não fosse a politicagem barbara, torpe, e atroz, que as tem flagellado inclemente, e todas essas localidades estariam—n'este momento—n'um pé de prosperidade invejavel...

A tradição, entretanto, conserva a memoria de uma longa serie de crimes, commettidos n'essas paragens remotas, onde a febre de enriquecer de repente accommettia a todos indomavel e voraz. E, na verdade, muitas fortunas, em uma só hora, surgiram, si bem que para ser dissipadas logo após n: hora seguinte.

A justiça, no Mucugê, foi—largo tempo—representada por inspectores de quartelão. Nenhur respeito á pessoa, ou á propriedade. A lei era al desgraçadamente, um mytho.

Para experimentar uma espingarda nova, por exemplo, era alvejado o primeiro transeunte, qu descuidado passava !

No curto espaço de dous annos, para cima de 100 malaventurados foram victimas do punhal e do fuzil!

Um bandido, certa noite, ateou fogo a uma casa de palha, pertencente a desaffecto seu. Dentro de 50 minutos, as chammas haviam devorado todas as outras casas, construidas tambem de palha, o que eram cerca de 200! O prejuizo d'ahi decorrente para o commercio foi collossal, como indescriptivel o terror, que assaltou então todos os espiritos.

No meio de tanta desordem, de vez em quando os inspectores de quarteirão sentiam certos assômos crueis de energia. Mandavam, *verbi gratia*, seguir para a cadeia da villa do Rio das Contas os presos, a quem os conductores apalavrados deviam summariamente executar, no sitio denominado *Sumidouro*. Em voltando sós para o *Mucugê*, tudo os guardas explicavam pela...resistencia dos criminosos, que aliás elles haviam recebido perfeitamente algemados!

Em todo o caso, é forçoso confessar—que o cidadão Sulpicio Luiz da Rocha prestou bons serviços de policiamento, em circumstancias tão anormais.

A prostituição se alastrou pelas Lavras de modo assombroso; e os espectaculos que ella encenava faziam lembrar, de algum modo, aquelles outros de que foram protagonistas as concubinas de *Babylonia*.

Tantas ondas de povo que se formavam, se fendiam, se entrechocavam depois, obedeciam todas a duas unicas preoccupações: a de uma especulação mercantil exaggerada, e por isto mesmo indecente, e a do deboche, que se exhibia ora afidalgado, ora pifio.

Mulheres de vida airada dansavam—completamente nuas—o *cacamba* sobre um tapete, figurado por cedulas de differentes valores. E outras que, para accender o cigarro, faziam mécha de uma nota de 50 ou 100\$000.

Quanto á descoberta, eis o que consta.

Desde 1842, José Prado e um irmão seu lavravam

no Mucugê muito occultamente, e os diamantes que d'ahi tiravam elles vendiam como procedentes da Chapada-velha. Mas, a qualidade das pedras, que são reputadas melhor do que as outras até agora conhecidas no Estado, despertou suspeitas de tal ordem que na primeira oportunidade, os exploradores foram seguidos por espiões, a quem afinal a verdade se ostentou em todo o seu brilho fascinante e seductor.

E d'ahi por diante, até que certas desillusões fossem conhecidas, notou-se em grande parte do Brazil um exodo, uma tonteira, um delirio.

Como se dizia na côpla, muito em voga ao tempo, e que os trovadores nocturnos garganteavam pelas esquinas das ruas, ao som do popular violão, até — *a moça bonita, de olhos de gato, ia á Chapada, tonante, cavar diamante.*

Corre, entretanto, que a 30 annos passados, o cap. Felix Ribeiro de Novaes, extrahira—ao pé da serra do Gagão—muitas pedras de diamante; tendo, porém, guardado a respeito do facto um silencio impenetravel, como a época do absolutismo exigia.

E, na verdade, o negocio era de encher os olhos...

Imaginem—que, só n'um pôço do rio Mucugê, Vencesláu de tal, tendo mergulhado em certo dia do mez de Outubro de 1844, ao sahir fóra d'agua trazia comsigo 19 oitavas da preciosa pedra.

E o cap. Rodrigo de Castro, em 14 dias de trabalhos com 30 garimpeiros, apanhou 93 oitavas d'ella.

Por sua vez, José da Silva Dutra extrahiui 34 1/2 oitavas, no sitio denominado *Influencia*, 6 kilometros distante do povoado, hoje cidade.

E assim, outros muitos.

Mas, saber-se, depois de tudo isto, que os Prado morreram na penuria, realmente espanta e contrista.

O mesmo facto, entretanto, havia acontecido já com capitão-mór Bartholomeu Bueno da Silva que, a 10 de Setembro de 1740 falleceu pobre, apesar de de ter sido o descobridor das minas de ouro que abriu em Goyaz.

E porque tenho falado em diamantes, não será descabido recordar aqui—que foi em 1729, no lugar denominado Serro-frio, pertencente a Minas-geraes, que Antonio da Fonseca Lobo achou o primeiro diamante do Brazil.

A maior pedra d'essa qualidade encontrada em nosso paiz é a *Grão-mogol*, que se formou em Minas-geraes tambem.

Cuido eu, no entanto, que o maior diamante até hoje descoberto, em todo o mundo, é um que se deve ás minas do Estado livre de Orange. Com o peso de 971 quilates, foi avaliado em 50.000 libras sterlingas. Tem a fórma de um cone truncado, e mede 3 polegadas de altura.

O cafre, que o achou, vendeu-o por 150 libras sterlingas, um cavallo, e uma cadeira.

Que modesto cafre!

O rei dos diamantes pretos, porém, foi encontrado —a 15 de Julho de 1895—n'uma das minas d'este Estado.

Merece, em todo caso, especial menção a pedra, que o sr. Henri Moissan exhibiu perante a Academia de sciencias de Pariz, conforme a *Révue des Révues* noticiou. Elle disse—que essa pedra pesava 733 grammas, vindo a ser por tanto o maior fragmento de diamante preto conhecido até hoje. Sua rigidez era superior á dos diamantes brancos e, assim, foi utilizado para a construcção de perfuradores. Que pena!... Melhor ficaria adornando um collo alabastino.

O *carbonato*, que se encontra ás vezes ao pé do diamante, tem ultimamente subido muito de valor.

Em 1895, foi apanhado no Brejo da Lama, do municipio de Lençóes, um *carbonato*, pesando 181 oitavas, e avaliado em mais de 160.000\$000.

Teve a fortuna de apanhal-o o garimpeiro Sergio Borges de Carvalho, homem de 50 annos de idade, e pobre.

Até então, o maior *carbonato* conhecido pesava 2.240 quilates, e sahira dos Lençóes tambem. Quanto

a esse outro, que acima indiquei, tinha o peso de 3.132 quilates.

Consequentemente, os maiores *carbonatos*, conhecidos no mundo, sahiram do municipio dos Lenções, d'este Estado da Bahia.

— Em 1893, cahiram sobre esta cidade frequentes e grossos aguaceiros, acompanhados de vento rijo, que inundaram, por algumas horas, as ruas principaes.

Foram registrados varios prejuizos materiaes, em virtude do transbordamento dos rios, e consequente interrupção da linha-ferrea.

Soffreu bastante a fabrica de tecidos, denominada *S. Carlos do Paraguassú*.

— Em 1897, a mulher de nome Maria Eulalia, moradora á rua do Sabão, d'esta cidade, deu á luz tres creanças; duas do sexo masculino e uma do feminino. Todas tres falleceram pouco depois de nascidas.

Foi esse o segundo caso de fecundidade, aqui occorrido no anno citado (*Vide «Ephemerides»* de 11 de Maio.)

2 de Novembro

— Em 1738, succumbiu na sua fazenda, situada á margem do rio Paraguassú, Sebastião da Rocha Pitta, que tinha nascido na cidade da Bahia a 3 de Maio de 1660, e foi o *pae da historia do Brazil*, como o Dr. Joaquim Manuel de Macedo o appellida.

A obra, escripta pelo erudito bahiano, e que lhe outhorgou tão merecidos fóros, foi a *Historia da America Portuguesa*, ainda agora consultada como precioso manancial de elementos para o estudo aprofundado da época de que elle se occupou.

Rocha Pitta era socio supranumerario da *Academia real da historia portugueza*, estabelecida em Lisboa.

— Em 1822, o general P. Labatut dirigiu-se ao Conselho interino do governo da Bahia, que funcionava n'esta cidade, então villa, solicitando provi-

dencias, no sentido de lhe serem fornecidos meios e recursos, com que mantivesse o exército nacional e pacificador.

3 de Novembro

—Em 1801, sua alteza o príncipe regente de Portugal enviou a cada um dos governadores interinos da Bahia curiosa *tarifa*, mediante a qual quem quer que fosse poderia obter commendas, habitos, e outras quejandas *tétéas*; uma vez que entrasse para o *real erario* com a quantia respectivamente ali taxada.

Como se está vendo, vinha de longe o expediente; e não havia razão de estranhal-o aos tempos do Imperio.

—Em 1855, foi sepultado o inéente-coronel Carlos Joaquim de Magalhães Cirqueira, cidadão que dispunha de notavel influencia popular, e se tornara saliente em diversos acontecimentos politicos, verificados n'esta cidade.

—Em 1868, quando voltava d'esta cidade para seu engenho *Buraco*, sito na freguezia do Iguaçu, foi de emboscada aggreddido—na estrada—o Dr. Pedro Moniz Barretto de Aragão, depois barão do Rio das Contas, a quem feriram gravemente, sobretudo na cabeça.

Do processo, instaurado em zaxão d'esse crime que, sem duvida, causou geral sensação, já tratei n'outra ephemeride (*Vide a do 1.º de Janeiro.*)

4 de Novembro

—Em 1849, celebrou solemne e concorrida sessão a *Polytechnica cachoeirense*, a primeira sociedade litteraria, creada n'esta cidade com elementos vigorosos de vida que, apesar d'isto, foi ephemera, qual tem sido a de todas as associações congeneres aqui fundadas.

5 de Novembro

—Em 1822, o general portuguez Madeira de Mello escreveu a varios proprietarios do reoncavo, lhes pedindo parecer sobre o *melhor modo de descarregar a vara da justiça, somente contra os chefes da rebelião e da perfidia* . . .

Dizia elle—em seguida—que *desejava não confundir os innocentes com os culpados*.

Como se está vendo, o general se referia ao movimento para a independencia, que começara n'esta cidade, então villa.

—Em 1859, pelas 6 1/2 horas da tarde desembarcaram n'esta cidade suas magestades imperiaes o sr. d. Pedro II e sua augusta consorte d. Thereza Christina Maria.

Os illustres viajantes foram recebidos com as mais vivas demonstrações de regosijo e respeito.

Formou toda a guarda nacional do município, em grande paráda. A camara municipal, incorporada e levando seu estandarte á frente, compareceu para entregar ao imperador as chaves da cidade; cerimonia singular que se realison n'um grande bartacão preparado no largo dos Arcos.

Em seguida, foi cantado—na egreja Matriz—um solenne *Te-deum*, a que assistiram tanto os imperantes, como todas as autoridades civis e militares. A' tribuna sagrada subiu fr. João do Carmo que, depois, recebeu as honras de pregador imperial.

O povo, curioso e satisfeito, tomou parte activa e directa em todos os festejos, acclamando frequentemente a familia imperial.

Foi sumptuosa a ornamentação das ruas, que por tres noites consecutivas estiveram illuminadas *a giorno*.

O sr. d. Pedro, durante a sua permanencia aqui, visitou as repartições publicas e muitos estabelecimentos particulares. A' Santa Casa de Misericordia, onde esteve no dia 8, sua magestade fez a esmola de 2.000\$000.

D'aqui seguiu o imperador para a Feira de Santa

Anna, então villa, sendo acompanhado por centenas de cavalleiros. Ahi teve o sr. d. Pedro condigna recepção.

No dia 9, pelas 2 horas da tarde, os nobilissimos hospedes regressaram para a cidade da Bahia, a bordo do vapor *Pirajá*, em que tinham vindo; e foi geral a saudade, que essa partida causou.

Trinta annos depois, o sr. d. Pedro II era des-thronado, e banido pela republica victoriosa.

E, a 4 de Dezembro de 1891, elle exhalava o derradeiro suspiro em Pariz, d'onde seu corpo foi conduzido para Portugal, afim de que repousasse ao lado de seus avoengos.

A imperatriz—d. Thereza Christina, ralada por decepções e amarguras, dorme o somno eterno em terra estrangeira tambem.

Colheu-a inexhoravel a morte, muito antes do esposo amado; fechando assim o cyclo da desgraça pungitiva e suprema, que fulminou rainha tão des-tinosa, apesar de ser exemplo de virtudes.

Sic transeat gloria mundi!

6 de Novembro

—Em 1822, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja sede era n'esta cidade, então villa, creou— a thesouraria, o commissariado geral, e a auditoria de guerra, para o exercito pacificador.

—No mesmo anno, aqui chegou—á tarde—o marechal João Chrysostomo Callado, que andava inspec-tionando os corpos de milicia da provincia.

Recebido com as honras devidas ao seu elevado posto, o general passou revista aos batalhões 113 de infantaria, e 42 de cavallaria, bem como ao 4.º corpo de artilheria.

—Em 1859, o presidente da provincia Herculano Ferreira Penna, que se achava n'esta cidade, accom-panhando o imperador, expediu varias ordens, no sentido de ser immediatamente socorrido o sertão, e sobretudo as Lavras Diamantinas, que estavam sendo flagellados pela secca.

Em 1860, a pavorosa calamidade, a despeito das providencias tomadas, assumiu proporções collossaes, como só no seculo anterior tinham sido attingidas.

—Em 1894, a 1 hora da tarde, se espalhou n'esta cidade a noticia de haver se revoltado, no porto do Rio de Janeiro, parte da armada nacional, chefiada pelo contra—almirante Custodio José de Mello.

Muita gente se manifestou desde logo favoravel ao movimento, posto que ninguem d'aqui seguisse para auxiliar-o.

Naturalmente, porque.... era longe.

7 de Novembro

—Em 1753, o senado da camara—d'esta cidade, então villa, mandou—que o artista Victorio de Jesus pintasse a sala das audiencias, no paço municipal recentemente construido. E recommendou muito ao artista—que, no fôrro respectivo, exculpisse as armas da respeitavel corporação.

De tal pintura nenhum vestigio mais existe, e não ha documento, que nos possa dar idéa do brazão cachoeirano.

Que penal

—Em 1799, foi expedido um regulamento para barcos e lanchas, em virtude do qual se cobrava d'aqui para a capital, e vice—versa: 320 rs por frete de pipa; barril de 4.º—80 rs. estando cheio, e 40 rs. estando vazio.

Hoje, se cobra por pipa 10\$000, e por barril de 5.º—2\$000 (cheio).

—Em 1822, seriam 4 horas da madrugada, embarcou—depois de uma significativa despedida—a deputação que se achava na Barra do Rio das Contas, e seguiu para o Rio de Janeiro, onde se deveria entender com o imperador d. Pedro I, em nome do Conselho interino do governo, que aqui fôra instalado.

—Em 1837, romoeu na cidade da Bahia a grande revolução conhecida pelo nome de *Sabinada*, por ter sido seu principal chefe o Dr. Francisco Sabino Alves da Rocha que, depois de vencido, foi degredado

na Matto-grosso, onde falleceu a 25 de Dezembro de 1846, tendo sido sepultado na fazenda *Santo Antonio de Jacobina*, do termo de S. Luiz de Cáceres. Em 1896, os restos mortaes do illustre cidadão foram transferidos para a capital da Bahia.

Tinha sido condemnado o Dr. Sabino á pena ultima pelo Jury d'essa cidade, em sessão de 2 de Junho de 1838, foi confirmada a sentença pelo Jury da villa de S. Francisco. O réo appellou, mas a Relação do districto, por *accordam* de 20 de Julho de 1839, negou o revimento ao recurso interposto.

O Poder moderador, afinal, commutou aquella pena em degredo, que o Dr. Sabino cumpriu, como já referi.

Era objectivo da revolução, segundo se propalou, declarar a provincia da Bahia, separada do imperio para constituir um Estado autónomo e livre, até ao d. Pedro II chegasse á maioridade.

Os revolucionarios, que ficaram sendo conhecidos pelo nome de *raposas*, como pelo de *perás* eram chamados os legalistas, publicaram muitos folhetos, e bandos, libertando escravos que a elles se juntado, e proclamando aos habitantes da provincia, cujo apoio queriam conquistar.

Foram muitas as pessoas da capital, que immigraram para aqui, seguramente por se ter a população desta cidade, em sua grande maioria, manifestado em favor do governo constitucional. E para prova, archivaram d'aqui batalhões da guarda nacional, e corpos de voluntarios, que concorreram para bater os rebeldes.

Aqui, tambem, foram julgados muitos dos implicados no movimento; e ainda em Janeiro de 1839 foi absolvido, pelo Jury, um d'elles—Antonio José de Sá Freire Mattos.

Daqui, finalmente, era natural o Dr. João Carneiro da Silva Rego, filho, que assumiu posição muito saliente na *Sabinada*.

A 16 de Março de 1838, a revolução terminou, entrando a força do Governo na capital, que tinha sido incendiada em parte, e achava-se em poder

dos rebeldes, desde que o presidente da provincia, a 7 de Setembro do anno anterior, havia se retirado para a villa de S. Francisco.

Quando o Dr. Sabino, derrotado, foi preso afinal, mandaram-no para bordo da corveta *7 de Abril*, onde poseram-no a ferros, de sentinella á vista. O Dr. Sabino, que era cirurgião—mór do exercito, se tinha já celebrado nos ataques que, a 7, 8 e 9 de Janeiro de 1822, a ilha de Itaparica soffreu das náus luzitanas.

(*Vid. ephem.* de 29 de Outubro.)

N'outras *ephemerides*, vão apontados episodios e factos da *Sabinada*, que têm mais intima relação com a Cachoeira.

8 de Novembro

—Em 1760, fugiram do convento da Palma, na cidade da Bahia, dois frades Agostinhos, que ali se achavam presos, e tinham de ser enviados para a ilha de S. Thomé, por ordem superior.

A passagem d'esses religiosos estava já contractada, por 64\$000, com o commandante da corveta *Nossa Senhora do Crato*, que se prestava a levar igualmente, sem alteração de preço, o rev. fr. Manoel do Rosario, que acompanharia—como guarda—os collegas desterrados.

Consta—que um dos fugitivos veio aqui ter, e contou tudo quanto soffrera no *tronco*, em que lhe haviam mettido os pés, durante muitos dias.

O presidente da communiidade requisitou auxilio do braço secular, afim de punir os culpados, que se chamavam fr. João Baptista, e fr. Manoel de S. Joaquim.

Em todo o caso, fica provado—que o *tronco* é uma instituição antiga, entre nós. Primeiro, serviu elle para os frades; para os escravos, depois e, finalmente, para os que—na roça—incorriam no desagrado de autoridades policiaes desbragadas.

—Em 1822, foi ferida notavel batalha entre as forças brasileiras, e as luzitanas ao mando do general Madeira de Mello, que occupava ainda a cidade da Bahia.

N'essa gloriosissima jornada de que sahiram triumphantes as armas nacionaes, distinguio-se assás o contingente que d'esta cidade, então villa, marchara sob commando do coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão, e que no momento do combate havia tomado posição no sitio denominado *Coqueiro*, na eminencia á cavalleiro da ilha de Joannes.

—Em 1865, chegaram a esta cidade, vindos de Sancta Izabel do Paraguassú, hoje S. João do Paraguassú, com destino á guerra do Paraguay. 112 *voluntarios da patria*.

—Em 1874, falleceu n'esta cidade, onde tinha nascido, o tenente Antonio Francisco dos Santos, que—por muitos annos—fôra collecter das rendas provinciaes, e possuira em tempo fortuna mais que regular.

Os ultimos annos da vida, no entanto, lhe foram de lutas e privações.

—Em 1886, foi sepultado—em S. Felix—onde residia desde muitos annos—o tenente Luiz Eloy Salomon, que era perito guarda-livros, um dos juizes de paz da freguezia, e sobretudo poeta de um lyrismo suavissimo.

Nascido em S. Paulo, se *naturalizara* comtudo bahiano, e particularmente san-felixta, de todo seu coração.

Larga mèsse de sympathias conquistou com facilidade o excellente amigo, pôndo em evidencia os dotes preciosos de su'alma.

Quando elle morreu, contava pouco mais de 50 annos.

—Em 1822, o papa Leão XIII reorganizou a hierarchia ecclesiastica do Brazil.

Todo o territorio da republica foi dividido em duas partes: a do norte, e a do sul. Do norte ficou sendo metropolitano o arcebispo de Bahia, do Sul o arcebispo do Rio de Janeiro.

Como suffraganeas da Bahia, foram designadas as egtejas episcopaes de Belém do Pará, S. Luiz do Maranhão, Fortaleza e Goyaz (antigas), Amazonas e Parahiba (creadas n'aquella data). Para a metropole

do Rio foram designadas, como sufraganeas, as egrejas episcopaes de S. Pedro do Rio-grande do sul, S. Paulo, Marianna, Diamantina, e Cuyabá (antigas), Nietheroy, e Coritiba (creadas na referida data).

Em 1896, foi creado o bispado do Espirito-Santo, sufraganeo da metropole do Rio.

Em 1900, foram creados mais: um terceiro bispado em Minas, e um em Alagoas, a saber, aquelle ao sul e este ao norte.

Esta divisão nos deixou no mesmo lugar, isto é, sob a jurisdicção do arcebispo da Bahia.

9 de Novembro

—Em 1865, seguiram d'esta cidade para a da Bahia, com destino á guerra do Paraguay, 112 *voluntarios da patria*, que dias antes haviam chegado de Sancta Izabel (hoje S. João) do Paraguassú, sob commando do ten-coronel Francisco José da Rocha Medrado, sobrinho.

—Em 1867, falleceu victimado por uma pustula maligna o Dr. Sulpicio Geminiano Barroso, nosso conterraneo, clinico distincto, e cidadão estimabilissimo.

Por algum tempo, leccionara elle a lingua franceza em sua propria casa, e depois no collegio *Conceição*, fundado n'esta cidade por Francisco Querino Bastos.

Recommendavel especialmente por sua modestia, contava o Dr. Sulpicio selecto numero de amigos.

Era maior de 50 annos.

—Em 1879, foi instalada n'esta cidade uma loja maçonica, denominada *Caridade e segredo*, que ainda hoje funciona.

Nenhuma *officina* existia então aqui, muito embora em outros tempos algumas houvessem já trabalhado.

A todas ellas, porém, certas rivalidades inutilizaram completamente, tendo deixado triste memoria as que separaram *beneficios* e *maçons* em dois campos furiosamente hostis.

De modo que, estas associações tornavam-se motivo

de odios e conflitos, que assumiram—por vezes—proporções assombrosas, em lugar de constituírem, como haviam prometido, doces recessos de amor e de paz.

10 de Novembro

—Em 1779, o senado da camara d'esta cidade então villa, mandou vir á sua presença diversos indivíduos, a todos os quaes intimou formal e publicamente *para que não lavassem mais, nem fizessem mandúcies no rio Pitanga.*

Ainda hoje, a intendencia municipal tem que lutar com muita gente, para impedir uma infracção, condemnada aliás desde o seculo ante-passado!

A raça latina é assim mesmo...

O seu prazer maior consiste em *desobedecer* ás ordens da autoridade...

—Em 1822, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja sêde era n'esta cidade, então villa, fez publicar um *bando*, em que convidava o povo para alistarse na guarda civica, por elle creada para a defesa local. E nomeou para commandal-a o capitão João Dantas dos Reis Portatil, que era membro do mesmo Conselho.

A guarda deveria se compôr de 140 praças.

11 de Novembro

—Em 1822, o general P. Labatut, officiendo ao conselho acima indicado, lhe communicou—ter conseguido definitivamente a victoria aos brasileiros, na batalha ferida no dia 8 do mesmo mez; porquanto, os portuguezes apenas tinham tido 5 mortos e 11 feridos ao passo que o inimigo, além de grande numero de mortos, deixara 5 prisioneiros, e recolhera para cima de 200 feridos.

12 de Novembro

—Em 1822, reunido n'esta cidade, então villa, o supradicto Conselho, deliberou participar immediatamente a todas as camaras da provincia, e proclamar

aos bahianos em geral, o facto auspicioso de haver sido acclamado, a 12 do mez anterior, na côrte do Rio de Janeiro, o principe regente D. Pedro como imperador do Brazil.

Eis a proclamação:

«Habitantes do reconcavo! O Conselho interino do governo d'esta provincia se apraz em communicar-vos--que o magnanimo defensor da independencia politica do Brazil, o nosso augusto regente, acaba de ser elevado pelo amor dos brasileiros á dignidade de imperador constitucional do Brazil, em reconhecimento de suas virtudes, e de protestar a mais energica actividade em prestar-nos efficazes soccorros, além d'aquelles que já mandou.

O poderoso apoio de um joven imperador, guerreiro e justo, e a presença de um general perito e valoroso, acrysolando o nosso entusiasmo, exaltando a nossa coragem, e centuplicando os nossos recursos, nos affiançam gloriosas vantagens sobre as novas cohortes dos infames satellites do centumvirato de Lisbôa.

Mas, comquanto nos possamos augurar o afortunado exito da sagrada causa, em que somos empenhados, a prudencia requer que nos lembremos da possivel hypothese de ser scommettido o beira-mar do reconcavo pelos crueis janizaros de Portugal, ora animados com a recém-chegada expedição.

E cumprindo--em caso tal--privar os inimigos de todos os recursos, e não expôr victimas inermes ao seu furor e sanha, é de mister que o Conselho, não só em desempenho da confiança que n'elle haveis depositado, senão em observancia do real decreto do 1º de agosto d'este anno, advirta e recomende aos cidadãos, e familias dos logares maritimos do reconcavo, que tenham em bom recato o seu precioso, e que se vão prevenindo de habitações no interior, para onde se retirem com seus gados e fabricas.

Habitantes do reconcavo. Esta necessaria medida importa a nossa segurança, e a ruina infallivel dos nossos barbaros invasores; é quanto basta para que seja adoptada, apezar dos incommodos e sacrificios, pelos briosos e fieis bahianos. Não presteis attenção

terroristas, que por ventura poderão envenenar esta salutar providencia; o progresso da nossa causa é notorio, e o nosso triumpho certo, infallivel.

Confiai no Governo, que vos protegerá com a sollicitude, que lhe mereceis; no valente general Labatut, que vos defenderá com a desteridade, que vos promettem seus talentos e gloria militar, e no exercito pacificador, cuja bravura principia de colher a colheita dos louros de que é digno.

Viva o imperador constitucional!

Sala das sessões na villa da Cachoeira, em 12 de novembro de 1822.

—*Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque*, presidente--*Miguel Calmon du Pin e Almeida*, secretario--*Antonio José Duarte de Araujo Gondim*--*Manoel José de Freitas*--*José de Mello Varjam*--*Manoel dos Santos Silva*--*João Dantas dos Reis* Portaes.

Ao mesmo tempo, o Conselho tomou providencias para garantir sua correspondencia official, e a administração da Bahia, em nome de s. m. o imperador constitucional. E tratou de deferir aos que ainda não havia feito o juramento de obediencia ao mesmo senhor; adiando, entretanto, para occasião mais tranquilla os festejos, commemorativos do notavel acontecimento.

Foi o general Labatut quem transmittiu, officialmente ao Conselho a noticia da acclamação, e lhe remettou ao mesmo tempo o n. 95 do *Espelho*, periodico em que vinha descripta com todas as minudencias aquella solemnidade.

—Em 1831. respondendo ao officio que a camara municipal d'esta cidade, então villa, havia lhe dirigido, exigindo o pagamento de 16.000\$000 de que se julgava credora, o presidente da provincia declarou--que a dicta somma passara por emprestimo á camara da capital de quem deveria ser cobrada, nos termos da resposta, que em 1829, já tinha s. exa. dado.

Esse dinheiro fôra tomado pelo Governo, em 1793; e o resultado todos estão naturalmente adivinhando; a municipalidade, como parte mais fraca, perdeu-o.

Puro regimen do calote!

—Em 1837, a camara d'esta cidade funcionou para protestar contra a revolução, que havia rebentado a 7 do mesmo mez na capital da provincia, hoje Estado.

Diversos cidadãos conspícuos acompanharam a camara, na sua deliberação.

E, juntamente com o protesto que então se lavrou, foram tomadas de accôrdo muitas e differentes medidas contra os rebeldes.

A mesma hora, no entanto, João Carneiro, nomeado vice-presidente da Bahia pelos revolucionarios, proclamava, convidando os habitantes do reconcavo a adherir, afim de se salvar a patria bahiana.

13 de Novembro

—Em 1837, o presidente da Bahia, por officio dirigido á camara municipal, communicou-lhe ter de vir estabelecer sua residencia n'esta cidade, por se achar a capital ameaçada pelos rebeldes que, no dia 7, haviam se insurgido contra as autoridades legaes.

—Em 1860, falleceu o coronel Jeronymo Vieira Tosta, que residia no engenho *Penha*, da freguezia do Iguape, termo e comarca d'esta cidade.

Era condecorado, e commandante da guarda nacional.

—Em 1865, seguiram d'aqui para a capital, com destino á guerra do Paraguay, 43 *voluntarios da patria*, que tinham vindo da villa do Chique-Chique.

14 de Novembro

—Em 1822, ás 7 horas da noite, mais ou menos, aportou ao Rio de Janeiro a deputação, que o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, instalado n'esta cidade, então villa, resolvera enviar a D. Pedro I.

15 de Novembro

—Em 1837, o desembargador Honorato José de

Barros Paim, presidente da provincia, tendo chegado a esta cidade, d'aqui proclamou a todos os habitantes da capital da Bahia, «para que estes corressem a salva-la dos males, que lhe preparavam os rebeldes, enfurecidos inimigos da tranquillidade publica; vingassem a sua honra offendida, e com sigo gritassem: viva o imperador o Sr. D. Pedro II, a integridade do Imperio do Brazil, a Constituição que felizmente o regia, e os bravos defensores da legalidade.»

Essa proclamação, bem como outra, endereçada aos cachoeiranos pelo brigadeiro Rodrigo Antonio Falcão Brandão, foram publicadas pelo *Constitucional Cachoeirano*, numero de 18 de Novembro de 1837.

Além d'isto, o presidente expediu d'aqui *circulares* a todas as autoridades da provincia, dando-lhes parte de ter assumido o exercicio do cargo, em virtude do impedimento physico do senador Francisco de Sousa Paraizo.

A' mesma hora, porém, chegava á barra da Bahia o novo presidente nomeado—Antonio Pereira Barretto Pedroso.

--Em 1889, pelas 7 horas da noite aqui foi recebido o primeiro telegramma, noticiando a revolução que havia rebentado na cidade do Rio de Janeiro, onde fôra proclamada a republica federativa dos Estados-Unidos do Brazil.

Em poucos momentos, foi organizado e distribuido um *boletim*, dando conta do importante acontecimento, que causou a toda a gente irreprimivel surpresa.

O marechal Manuel Deodoro da Fonseca, chefe do movimento, assumira a dictadura.

Eleito, opportunamente, para servir de presidente da Republica, tomou posse do cargo a 26 de Fevereiro de 1891, e a 23 de Novembro do mesmo anno o renunciava, em frente de uma revolução, que estalara por ter elle dissolvido, sem poder fazel-o, o Congresso Nacional.

O marechal Deodoro, que nascera em Alagôas a 5 de Agosto de 1827, falleceu a 23 de Agosto de

1892, tendo sido sempre um soldado valente e audaz.

16 de Novembro

—Em 1810, uma carta régia conferiu ao Conde de Arcos, capitão-general e governador da Bahia, a incumbencia de angariar donativos, afim de serem resgatados os 615 portuguezes, que desde muito eram prisioneiros do bey de Tunis.

A Cachoeira contribuiu com a sua quota para tão bella obra de caridade.

—Em 1822, partiu desta cidade, então villa, para Itaparica, João de Oliveira Botas, tenente, encarregado pelo Governo Provisorio de crear uma força naval para defesa da ilha, que tem aquelle nome.

O eminente patriota pondeu levar a termo o seu bem delineado plano, e a 8 de Dezembro seguinte conseguiu sahir incolume, escoltando 18 barcos, abarrotados de mantimentos, para o rio Cotegipe.

—Em 1822, tambem, o sargento-mór Antonio Maria da Silva Torres, inspector das fortificações, achando-se na Saubara, reclamou do Conselho interino do governo algumas providencias, mediante as quaes *afiançava* a segurança da Cachoeira, e de todo o seu districto.

—Em 1837, chegou a esta cidade, o novo presidente da provincia—Antonio Pereira Barretto Pedroso.

E á Itaparica, para onde d'aqui partira, o coronel Antonio de Souza Lima, que assumiu sem demora o commando da força militar, e cuidou de guarnecer a fortaleza, montar peças, e expedir varias providencias, afim de se oppôr mais efficazmente aos rebeldes.

Aquí—por sua vez—tambem vieram ter os generaes João Chrysostomo Callado, e José Joaquim Coelho que chegara, de Pernambuco, trazendo 500 pracas.

—Em 1856, a Meza administrativa da Ordem Terceira do Carmo, d'esta cidade, resolveu elevar a 1\$280 o salario do escravo Raphael, que pertencia á dicta Ordem. Mas, passada que fosse a carestia de

viveres então reinante, aquelle salario voltaria a ser de 1\$000 por semana, ou 140 rs. por dia.
Que regalo!

17 de Novembro

—Em 1812, o principe regente de Portugal mandou que fosse entregue á *Real junta do commercio, agricultura, fabricas, e navegação do Estado do Brazil e dominios ultramarinos* a machina, que fizera vir de Calcutá para imprensar fardos de algodão.

Cumpria á *Junta* utilizar-se da dicta machina, pela maneira que mais conveniente lhe parecesse. •

De frete se pagou pelo *mínimo* 2:372\$170.

O peor foi que ninguem d'esta cidade, então illa, conseguiu lobrigar sequer a tal machina, apesar de terem ido muitas pessoas de proposito para vel-a. . .

O segredo havia de aproveitar muito, pois não!

18 de Novembro

—Em 1841, um juiz de paz de S. Felix, franco de mais, declarou—que n'um certo quarteirão do districto não existia pessoa habilitada para ser inspector.

Os tempos, agora, estão mudados. Hoje não ha inspectores, nem lá nem cá, porque todas as pessoas são habilitadas de mais para cargo . . . tão modesto.

—Em 1833, se realisou com inexcédível brilhantismo a *manifestação* politica de que foi alvo o Dr. Honorato Antonio de Lacerda Paim, depois Barão de Lacerda Paim.

Num *trem* especial da estrada de ferro, cêrca de 100 senhoras, e numero muito superior de cavalheiros, encaminharam-se para a fazenda *Serra da Conceição*, freguezia da Conceição da Feira, onde reside o prestimoso titular.

Alam todos cumprimental-o pela nova attitude, que elle havia assumido, com os seus amigos da paróchia, na politica do districto.

Uma excellente philharmonica tomou parte na brilhante *manifestação*.

A casa de morar e todo o estabelecimento rural do distincto cidadão se achavam com luxo e gosto ornamentados.

Os visitantes foram recebidos ao espoucar de foguetes, e sob uma chuva de flores.

Diversos arcos de folhagem, todos encimados por bandeiras e gaihardêtes davam ao terreiro da Serra um ar festivo e jucundo.

Passou-se um dia feliz n'essa deliciosa vivenda, e durante elle houve dansas animadissimas e refeições principescas, tendo se trocado—ao jantar—brindes eloquentes e numerosos.

Não pode por alguém ser excedida a gentileza, com que o illustre amphytrião soube acolher os seus hospedes, revelando-se em tudo um verdadeiro fidalgo.

Ah! Bem custoso será se organizar aqui outra festa, igual a essa, de que guardo a recordação mais viva e saudosa, pungida, entretanto, pela certeza de que muitas das pessoas que n'ella tomaram parte dormem, agora, nos braços hirtos da morte, o somno de que não se acorda jámais!

19 de Novembro

—Em 1822, a guarda avançada das tropas d'esta cidade, então villa, collocada na Saubara, tendo soffrido, na vespera, grandes ataques dos portuguezes inimigos, tratou de bem regular as suas operações de guerra.

Com este fim se reuniram, lavrando logo após um termo, em Conselho militar, o sargento-mór Antonio Martins da Silva Torres, commandante das forças da villa, Ignacio Joaquim Ferreira Lisboa, capitão-commandante da companhia de *Bellona*, Francisco Lopes Duarte Vianna, tenente-commandante da Companhia de *Jequirica*, Manuel Rocha Galvão, tenente da companhia de *Bellona*, e Manuel

José Rodrigues da Silva, alferes d'esta ultima companhia.

—Em 1837, prestou juramento e tomou posse do governo, perante a camara municipal d'esta cidade, por achar-se impedida a da Bahia, o presidente da provincia, hoje Estado, Antonio Pereira Barretto Pedroso.

O seu antecessor — Desembargador Honorato José de Barros Paim, esteve presente ao acto, que foi revestido da maior solemnidade.

O novo presidente proclamou, no mesmo dia, aos bahianos, affirmando-lhes — o que não conheceria um momento de repouso, enquanto a provincia tivesse na sua capital o bando de rebeldes que a conspurcavam.

—Em 1838, se finou n'esta cidade o capitão-mór José Antonio Fiuza, proprietario de uma grande cinta de terras, aqui mesmo situadas, e de mais outros bens da fortuna.

—Em 1878, rendeu o espirito a Deus o nosso conterraneo Cons. Salustiano Ferreira Souto, que morava na cidade da Bahia, onde exercitava extensa clinica; e era cathedratico da Faculdade de Medicina.

Representara a provincia, por mais de uma vez, na camara dos deputados.

Declarada a guerra do Paraguay, pôz o Cons. Souto seus serviços á disposição do governo; e, vindo para esta cidade, em muito auxiliou a criação de mais um corpo de voluntarios.

Apezar de tuberculoso desde moço, o Cons. Souto logrou viver muitos annos, graças a uma hygiene rigorosa que observava.

—Era homem de salão, e adorador do bello sexo.

Em 1890, o Conselho Municipal deliberou mudar os nomes de algumas das ruas d'esta cidade. A 17 de Dezembro tomou providencia igual, com relação a outras ruas. E, finalmente, a lei n. 25 de 18 de Maio de 1897 deu nome a umas e mudou o de outras, com o fim de perpetuar a memoria de varios cachoeiranos illustres.

Nem todo nome novo, porém... calhou.

20 de Novembro

— Em 1822, o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, cuja séde era n'esta cidade, então villa, approvou e fez publicar o plano de organização da *guarda civica*, instituida para defeza interior da dicta villa.

— Em 1837, o presidente Barretto Pedroso dirigiu proclamação especial aos soldados, que se tinham deixado ficar na cidade da Bahia.

N'esse importante documento, datado d'aqui, convidava o delegado do governo imperial áquellas praças a *se extremarem dos criminosos* (eram estes os «raposas»), *evitarem-os, e correrem aos braços de seus companheiros e fieis camaradas.*

— Em 1872, falleceu, com idade superior a 70 annos, o capitão João Xavier de Miranda, que occupara n'esta cidade varios cargos publicos, e dispozera de influencia popular.

Em épocas difficeis, o capitão Miranda prestara bons serviços á causa legal; e, na qualidade de juiz de paz, teve de condemnar alguns revolucionarios, concorrendo assim para victoria do Governo, e completo restabelecimento da ordem publica.

Nascera na freguezia do Pedrão.

— Em 1877, finou-se na cidade da Bahia, onde desde muito tempo morava, o nosso conterraneo tenente-coronel Manuel Jeronymo Ferreira, secretario aposentado da respectiva camara municipal, e ex-membro da assembléa legislativa da provincia, hoje Estado. Era maior de 60 annos.

Marchara voluntariamente para a guerra do Paraguay.

— Em 1889, a camara municipal e o povo d'esta cidade adheriram formalmente ao regimen republicano, que o exercito e a armada haviam, no dia 15 de Novembro, acclamado no Rio de Janeiro.

Do acto foi lavrada a acta a seguir:

« A 1 hora da tarde do dia 20 do mez de Novembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1889, reunidos — no paço da ca-

mara municipal da heroica cidade da Cachoeira— os Srs. vereadores capitão Rosalvo de Menezes Fraga, advogado José Almachio Ribeiro Guimarães, major Manuel Alves Mascarenhas, capitão José Augusto Peixoto, e Sabino Santiago da Motta, sob a presidencia do Exm. Sr. Barão de Belém, foi aberta a sessão.

Em seguida, o Exm. Sr. presidente declarou que— i vista dos ultimos acontecimentos, occorridos na cidade do Rio de Janeiro, na capital da Bahia, e outros pontos do paiz, onde havia sido proclamado o systema republicano como fôrma de governo, resolvera convocar extraordinariamente a camara, afim de que ella deliberasse sobre a attitude que he cumpre tomar, prestando ou não sua adhesão ao novo regimen.

O Sr. vereador capitão Rosalvo Fraga, pedindo em seguida a palavra, depois de algumas ponderações, leu os telegrammas, que haviam sido dirigidos à camara, e vão abaixo transcriptos; e propoz que, de accordo com a vontade manifestada pelo povo, e por bem da nação:

1.º Fosse por esta camara, em nome do seu municipio, proclamada a Republica Federal dos Estados-Unidos do Brazil, e reconhecido o seu governo.

2.º Fosse desfraldada, na frente do edificio da municipalidade, a bandeira d'este Estado da Bahia.

3.º Que fossem convidadas todas as autoridades e funcionarios para protestarem fidelidade ao novo regimen.

Pôsto em discussão o requerimento, não houve quem falasse sobre elle; e, passando a ser votado, foi approvedo por todos os votos dos vereadores presentes.

Então, o presidente da camara ergueu um viva á Republica do Brazil, o qual foi enthusasticamente correspondido pelos outros vereadores, autoridades, e cidadãos presentes; muitos dos quaes vão assignados na presente acta.

Acclamada, assim, a Republica, foi immediata-

mente içada, na janella central do paço da mesma camara, a bandeira do Estado da Bahia, que foi saudada por fervorosas e repetidas acclamações.

Em acto continuo, foi lida a proclamação, que a camara resolveu dirigir aos seus munícipes; e distribuida profusamente pelos cidadãos presentes; indicando o Exm. Sr. presidente—que, tanto esta acta, como as proclamações, fossem transcriptas em um livro especial: o que foi unanimemente approvedo.

Depois do que, o Exm. Sr. presidente levantando-se, e bem assim os demais vereadores, prometteram todos fidelidade ao novo regimen republicano; seguindo-se—na mesma promessa—todos os cidadãos presentes, o que fizeram em alta e solemne voz. E em fé do que o fizeram, assignam a presente com a camara, que mandou lavrar esta para constar. Os telegraphos são do theor seguinte:

S. P.—Repartição geral dos telegraphos. Estação da Cachoeira, 18 de Novembro de 1889. — *Telegramma-circular.* — Presidente da Bahia, em 18, á camara municipal da Cachoeira. — Com grande acclamação do povo, e na melhor ordem possível, acabo de prestar juramento perante a camara municipal, e tomar posse do governo d'este Estado. (Assignado) *Virgílio C. Damazio.*

Repartição geral dos telegraphos.—Estação Cachoeira, 19 de Novembro de 1889.—*S. P.* Procede da Bahia, em 19.—Do governador do Estado da Bahia á camara municipal da Cachoeira.—O governo republicano está definitivamente constituido. A camara municipal da capital prestou juramento fidelidade. Toda a população adheriu com enthusiasmo. O governo do Estado da Bahia, investido de plenos poderes pelo chefe do Poder Executivo. General Deodoro, e ministerio constituido. Communico o facto a essa municipalidade, e convido-a a adherir, e prestar juramento de fidelidade ao novo regimen. Palacio do governo da Bahia, 19 de Novembro de 1889.—(Assignado) *Virgílio Damazio.*

Eu, Antonio Lopes de Carvalho, sobrinho, secre;

rio a escrevi.—Barão de Belém, p.—Rosalvo de
 enezes Fraga.—Antonio Ferreira Carvalho Mas-
 renhas.—José Augusto Peixoto.—Manuel Alves
 ascarenhas.—Sabino Santiago da Motta.—José
 machio Ribeiro Guimarães.—Antonio José de
 astro Lima, juiz de direito.—Pedro Vicente Vianna,
 dos orphãos.—Alferes Manuel Machado de Souza
 to, commandante do destacamento do exercito.—
 enso Glycerio da Cunha Maciel, engenheiro fiscal
 estrada de ferro «Central».—Genesio de Souza
 anga, subdelegado em exercicio.—José Ferreira
 eira Formiga, proprietario e redactor do Jornal
 Tempo.—José Joaquim Villasboas, redactor d'O
 americano.—João Antonio Antunes, gerente d'O
 arany.—Annibal Rodrigues Seixas, redactor d'A
 rdena.—José Ruy Dias d'Affonseca, juiz de paz.—
 inerio Martins Ramos, tenente-coronel comman-
 ante do batalhão n. 18 da guarda nacional.—Fran-
 eco Xavier Vieira Gomes.—Diogo de Andrade
 ullasques, professor publico.—José Corrêa da
 eira e Souza.—José Maria Belchior.—José Mar-
 ano Gomes da Rocha.—Arsenio Rodrigues Seixas.
 João da Matta Rocha Lima, delegado em exer-
 cio.—José Ramiro das Chagas —Dr. José Pereira
 leixeira.—Joaquim Antonio da Silva Carvalho.—
 José Antonio de Souza Lopes.—Joaquim Manuel
 e Sant'Anna.—Helvecio Vicente Sapucaia.—Jero-
 mo José Albernaz, tabelião vitalicio.—Satyro da
 lva Pinto, escrivão do Jury vitalicio.—Manuel
 avier de Miranda, collector provincial.—Segefredo
 taliba Galvão, escrivão de orphãos.—Augusto
 ezar Estrella, administrador das obras municipaes.
 Ricardo José Ramos —Augusto Moreira Sampaio,
 scrivão de collector, provincial.—Leolino Cunha.—
 ermillo da Silva Fraga, subdelegado de S. Felix.—
 Guilhermino Moreira Mendes da Costa.—Dr. Virgilio
 ezar Martins Reys.—Horacio Mendes da Silva,
 juiz de paz de S. Felix.—Carlos Rodrigues Mo-
 eira — Francisco de Salles Dias d'Affonseca.—João
 Urbano de Souza Salles.—José da Costa Ferreira,
 presbytero regular.—João Vaz de Carvalho.—Joaquim

Florindo Lopes. — Clementino Menezes Albuquerque. — Luiz Alves Dantas de Amorim, official honorario do exercito. — Thomaz Ferreira da Silva. — João do Carmo Pereira de Castro. — Adolpho Martins Reys. — Joaquim Ignacio Albernaz. — Fabriciano Martins de Oliveira Castanho. — Augusto Gomes dos Santos. — Herminio Pedreira de Souza. — Carlos Bernardino Freire. — Carolino R. da Franca Neves. — Odilon Cavalcante de Albuquerque. — O carcereiro, Manoel Xavier Pinheiro. — Turibio Ferreira Gomes. — Jovê Ferreira Coelho. — Pamphilo Gonsalves Chaves. — Virgilio Ferreira Motta. — Hormino Martins Curvello. — Manuel Falcão. — Pedro Simões de Freitas. — Antonio Ribeiro de Araujo. — Vicente Ferreira de Queiroz. — Manuel do Nascimento Milton. — João Casemiro Barbosa. — Germino Augusto de Amorim. — Hygino Cavalcante de Menezes, escrivão effectivo da subdelegacia de S. Felix. — Aristides Nonato da Paixão. — Theodoro Luiz da Rocha Lima. — Manuel Florentino de Souza Mattos. — Vicente Levite Pereira Seixas. — José Maria Baraúna. — Ervidio P. Souza Velho. — Manuel Moreira Dias Bastos. — Juvenal Ribeiro Guimarães. — Marcellino Telles de Menezes. — José Baptista de Souza, fiscal geral da municipalidade. — Fortunato dos Santos Costa. — Laudelino Guilherme Tinôco. — Hermillo Gomes. — Antonio Corrêa da Silva, fiscal claviculario. — Ignacio José de Freitas, porteiro interino na municipalidade. — Aristides A. Milton. »

21 de Novembro

— Em 1837, João Carneiro da Silva Rêgo, vicepresidente da *Sabinada*, lançou nova proclamação, destinada especialmente ao habitantes do reconhecido, para que estes adherissem á revolução, cujo exito parece que não tinha correspondido ás suas esperanças.

22 de Novembro

— Em 1610, um alvará do rei de Portugal declarou — que os desembargadores não poderiam, se casar no Brazil!

Esta singular prohibição foi modificada por outro alvará — o de 27 de Março de 1734, pelo qual Sua Magestade mandou — que os dictos desembargadores não se casassem, antes de obter para isto uma licença especial.

No entanto, El-Rei — ainda por outro alvará, o de 3 de Fevereiro de 1615, tinha ordenado — que *seus* magistrados *trouxessem suas mulheres*.

De modo que, si o caso não fôr bem destrinçado, terá supôr — que os taes juizes, apesar de sua esteridade, deixavam lá ficar as consortes, e aqui tratavam de esposar a primeira mameluca ardente e carnuda, que lhes cahia debaixo dos olhos estugalhados. . .

— Em 1822, o general P. Labatut se dirigiu por officio ao Conselho interino do governo da Bahia, que funcionava n'esta cidade, então villa, comunicando — que na vespera havia mandado fuzilar 31 pretos, aprisionados nas immedições de Pirajá com as armas na mão; e simultaneamente surrar 20 mulheres, também pretas, que os acompanhavam.

Madeira de Mello, o general portuguez, foi quem tal gente expedira contra Labatut. . .

— Em 1822, também, a deputação nomeada pelo supradicto Conselho para ir ao Rio de Janeiro felicitar D. Pedro I pela sua aclamação, tendo se reunido a outras, que levavam a mesma incumbencia, foi recebida — ao meio dia — no paço imperial. Todas ellas tinham ido a pé pelas ruas do Ouvidor, e Direita (hoje 1.º de Março).

Trocaram-se então os cumprimentos, e pronunciaram-se os discursos, de estylo em cerimoniaes.

— Em 1824, chegou a esta cidade, então villa, a noticia de que — na capital da provincia — fôra inaugurada, por entre demonstrações de jubilo, uma fabrica de papel.

Os promotores d'essa idéa, que infelizmente fracassou, foram José Antonio de Araujo, Manuel Baléns de Lima, e Joaquim Alves da Cruz Rios.

—Em 1834, a camara municipal d'esta cidade, então villa, encarregou a João Ferreira Lopes da conclusão da escada de pedra, que existe no caes dos Arcos.

Toda essa obra de cantaria foi feita com pedras extrahidas aqui mesmo, á margem do rio Caquende.

E tudo está indicando—que uma officina de paralelepipedos, estabelecida n'aquelle ponto, daria resultados largamente compensadores.

—Em 1854, foi publicado n'esta cidade o 1.º numero do *Apostolo Cachoeirano*, em cujo artigo-programma liam-se estas escandalosas palavras: *é livre o povo cachoeirano, viva o partido republicano!*

Joaquim Tavares da Gama, editor do novo periodico, sendo chamado a juizo para responder pelo crime, que assim tinha commettido, apresentou como responsavel da *folha*, nos termos da lei, o cidadão Domingos de Faria Machado.

Uma nota curiosa. Da mesma officina, em que se imprimia o *Apostolo Cachoeirano*, sabia tambem o *Constitucional* que, como o nome está indicando, defendia o systema monarchico, então vigente.

—Em 1894, falleceu na Feira de Sant'Anna o agrimensor Joaquim Alvares dos Sanctos Souza, nascido n'esta cidade, e contando mais de 50 annos de idade.

—Em 1897, falleceu o tenente-coronel Sancho José da Costa, negociante, com 48 annos de idade.

Era natural d'esta cidade, e durante o Governo provisório servira como membro da camara municipal.

23 de Novembro

—Em 1823, o general P. Labatut se dirigiu, por officio, aos consules dos Estados-Unidos da America, da Inglaterra, e da França, pedindo-lhes—que se passassem com suas comitivas para esta cidade, então villa, e que era a séde do legitimo governo da provincia, e onde seriam elles respeitados e dignamente tratados, como representantes de nações amigas do hospitaleiro Brazil.

—Em 1865, apurou-se 2:000\$000 da subscrição popular, aberta n'esta cidade, para auxiliar as despesas com a guerra do Paraguay.

—Em 1874, foi inaugurado, na cidade da Bahia, o monumento existente á praça de Riachuelo, destinado a perpetuar os gloriosos feitos das armas brasileiras na guerra do Paraguay.

Tivera a iniciativa da idéa a *Associação Commercial*, que foi auxiliada pelo commercio da capital, e pelo d'esta cidade. (MOREIRA PINTO, *Apontamentos para o dictionario geographico do Brazil*, verb.—Salvador.)

O monumento custou 55:948\$920. Mede—em seu todo—23.^{mo}0 de alturas. O pedestal e a base, com a respectiva escadaria, abrangendo uma área de 4.^{mo}0, são de fina pedra franceza polida.

Está cercado por grades de ferro, a que se prendem, n'umas elegantes columnatas—correntes do mesmo metal.

A columna é de bronze, de estylo corinthio, encimada por um capitel dourado, d'onde sahem oito volutas, tambem douradas; e sustenta uma esphera, sobre a qual, em attitudo de voar, vê-se o anjo da Victoria, tendo em uma das mãos bella palma, e na outra uma corôa de louros, tudo de bronze dourado.

Do capitel para baixo, estão gravados, em letras douradas, os nomes dos logares, onde se travaram os mais importantes combates.

No pedestal, do lado do mar, existe um medalhão de bronze, em que acham-se esculpidas as armas do extincto imperio; do lado de terra, outro medalhão, onde vêm-se as armas da cidade.

A base da columna é formada por dois anneis, d'onde partem quatro grandes festões, e' egual numero de capacetes, sendo um em cada angulo; tudo de bronze. O monumento contém varias inscripções allegoricas.

24 de Novembro

—Em 1822, o sargento-mór Antonio Maria da Silva Torres officiou ao secretario do Conselho interino do Governo da Bahia, que havia sido insta-

lado n'esta cidade, então villa, reclamando «providencias em proveito da defeza da costa.»

—Em 1874, terminaram as obras da nova capella de Nossa Senhora dos Remedios, n'esta cidade, celebrando-se por esse motivo uma festa pomposa na modesta ermida.

—Em 1890, as aguas do rio Paraguassú começaram a se avolumar, em consequencia de chuvas copiosas, que estavam cahindo no sertão.

Depois de terem invadido as duas cidades fronteiras—Cachoeira e S. Felix—as aguas foram lentamente baixando, e alguns dias depois estavam ao nivel do rio.

25 de Novembro

—Em 1822, o general Pedro Labatut, tendo pedido ao Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era n'esta cidade, então villa, diversas nomeações, entre as quaes a de Pedro Rodrigues Bandeira para commissario geral do exercito pacificador; foi expedida a necessaria portaria, de conformidade com o pedido feito.

—Em 1827, o presidente da provincia, José Egydio Gordilho de Barbuda fez publicar um *bando*, em que, reconhecendo os grandes inconvenientes da moeda de cobre falsa, chamada *chechem*, que andava em circulação, ordenara comtudo que ella fosse recebida por todos, «emquanto não se assentava nos meios de extirpar pela raiz tão infame e terrivel flagello.»

S. Ex. transigiu, portanto, como as autoridades de 1893 e 1894 transigiram com as *fichas de bond*, e os *vales*, que inundaram todo o Estado, a pretexto da falta de moeda divisionaria.

Essa falta, aliás, provinha da mania que, sobretudo as quitandeiras, tinham de aferrolhar qualquer moeda de cobre, nickel, ou bronze, que lhes cahia nas mãos, e gastar apenas o papel-moeda em que não confiavam.

Certo é—que houve uma enorme emissão de *vales*. Toda gente podia assim concertar suas finanças.

Quem não possuía vintem assignou a responsabilidade de muitos contos de réis, em *vales* que jámais pagou...

Foi uma verdadeira orgia, a que só com muita difficuldade se pôz cõbro.

—Em 1837, partiu d'aqui para Pirajá, com acompanhamento do mundo official, o presidente da provincia, Antonio Pereira Barretto Pedroso.

S. Ex. teve a gentileza de proclamar aos cachoeiranos, dizendo-lhes—que assim procedia, « porque convinha estivesse aonde podesse dar promptas e energicas providencias para o restabelecimento da ordem, logo após a entrada das tropas legaes na capital da provincia. »

No mesmo documento, o presidente accrescentou: « a vossa rica cidade continúa a ser a séde do governo da provincia. »

26 de Novembro

—Em 1675, falleceu na cidade da Bahia, e foi sepultado na igreja do convento de S. Francisco, D. Affonso Furtado de Mendonça Castro e Menezes, Visconde de Barbacena, 26.º governador do Brazil, a quem certo morador do nosso sertão trouxera varias amostras de prata, affirmando existir grande abundancia d'ella n'um sitio só por si conhecido.

O mysterioso sertanejo, ao mesmo tempo, declarou—que não se tratava das minas, a que Roberio Dias havia já se referido.

O governador, com a maior alacridade, enviou seu proprio filho á Lisbõa para dar parte da alviçareira nova ao rei. E Sua Magestade, muito contente, como era natural, remetteu logo para cá todos os utencilios, indispensaveis para se iniciar a exploração das seductoras jazidas.

Mas, oh ! fatalidade ! Quando o emissario, apparelhado com esses recursos, chegou, de volta, á Bahia, era já morto o sertanejo, sem haver entretanto indicado a situação do cobiçado thesourol

Nas *entradas* que, para descobri-lo, foram feitas

em vasta zona do sertão, acharam-se apenas amethystas e topázios.

Teremos, por acaso, alguma outra lenda, igual á da cidade encantada do conego Benigno, ou d'aquellas afamadas minas do já citado Roberio?

Vem a pello registrar, aqui, mais uma noticia do mesmo quilate, que encontrei n'um carunchoso alfarrabio da *Bibliotheca Nacional*.

Ahi vae ella.

Em 1748, pelo mez de Novembro, certo individuo, que aqui chegara como mestre de uma embarcação, contou—que uns mineiros mudados—fazia pouco tempo de cá—lhe tinham revelado—que oito dias de viagem da Moritiba, caminho do sul e derrota para o occidente, haviam elles descoberto um bello templo subterraneo de que ninguem falara jámais. E accrescentaram—que, tendo descido para melhor examinal-o, depararam com uma egreja, de tamanho quasi igual á Sé da Bahia, toda circumdada de columnas de pedra alvissima e luzidia.

Até hoje, porém, não appareceu ainda quem tornasse a encontrar similhante maravilha, ou a ella se referisse alhures.

—Em 1880, falleceu na villa de Itaparica, onde se achava em tratamento de saúde, o capitão Augusto de Souza Galvão, que fôra *voluntario da patria* na guerra do Paraguay, e era um cachoeirano bemquisto e popular.

—Em 1900, falleceu Virgilio Ferreira Motta, natural d'esta cidade, e que em tempo fôra negociante.

Como autoridade policial, prestou bons serviços á ordem publica, e se distinguio sempre por sua actividade e energia.

Contava 38 annos de idade.

27 de Novembro

—Em 1668, foi expedida uma portaria, ordenando—que o escrivão do crime d'esta cidade, então villa, notificasse a Bento Pereira Ferraz para que o não fosse á horta de sua sogra, nem por si, nem por

outrem com ella se entendesse, sob pena de 200 cruzados » (um dinheirão n'aquella época !) « para o presidio, e dois annos de degredo para o Rio-Grande (?), em que logo seria executado. »

Que diabo teria feito esse homem ? Si fôra hoje, diziam—*que era negocio de sogra.*

A horta d'essa mulher era, com certeza, cousa muito preciosa. . .

No mesmo anno, foi publicada uma provisão régia —prohibindo que os governadores consentissem se lhes tirar o retrato para ser collocado em qualquer logar publico, «em vista das ruins consequencias, que d'isto resultavam sempre.»

Aqui, foi lida a provisão pelas esquinas, aos rufos de tambôr.

Gente de siso, aquella do seculo XVII !

Hoje, entretanto, que já penetrámos no seculo XX, o retrato a oleo e o faqueiro de prata fazem as delicias dos vaidosos, e parte dos costumes nacionaes. E não ha *provisão* que valha !

—Em 1829, o presidente da provincia declarou, sob informação do commandante das armas José Joaquim do Couto, ser necessario se organizar a planta e o orçamento dos reparos, que se faziam precisos na fortaleza de Sancta Cruz, afim de os poder autorizar, como fôra requisitado.

Já se sabe, o velho systema do papelorio em scena. . .

Resultado final ; a fortaleza desabou, e por terra para sempre ficou. . .

28 de Novembro

—Em 1704, a camara d'esta cidade, então villa, deu ao Governo parte da descoberta das minas do Serro-frio, que ficam no Estado de Minas-Geraes.

Respondendo, em 10 de Dezembro seguinte, a essa communicacão, a primeira autoridade do paiz disse—que Sua Magestade tóra servido ordenar que . . . «se impedisse os descobrimentos de minas, que houvesse nos sertões da capitania.»

Eis como Portugal fomentava o progresso do Brazil, e acreditava acutelar a riqueza da nação!

—Em 1822, o Conselho interino do governo da Bahia, creado n'esta cidade, então villa, teve noticia de que estava imminente uma insurreição de escravos no reconeavo, fomentada *pelo damainho partido europeu portuguez*.

E tendo providenciado acertadamente, conseguiu que o movimento abortasse.

29 de Novembro

—Em 1822, o imperador D. Pedro I, attendendo á representação do supradicto Conselho, decretou :

Que emquanto durasse a occupação da capital pelas tropas portuguezas, os aggravos, appellações, e quaesquer outros recursos judiciarios, que deveriam ser interpostos para a Relação do districto, o fossem directamente para a Casa de Supplicação do Rio de Janeiro.

O decreto alludido foi referendado pelo ministro da justiça—Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que morreu Marquez da Praia-Grande.

Essa providencia impediu—que fosse instalada a Junta de justiça, da qual o Conselho cogitara, de accordo com o alvará de 18 de Janeiro de 1765.

—Em 1822, tambem, o general Pedro Labatut por officio endereçado ao referido Conselho, pediu-lhe—que fizesse reunir ás tropas por si commandadas a companhia, organizada por frei José Mari Brayner. Ao mesmo tempo, o general deprecou a Conselho—o sequestro de todos os bens moveis e d'raiz, pertencentes aos europeus que se tinham recolhido á cidade, e se revelado assim adversarios d'causa brasileira. E, ainda no mencionado officio Labatut deu parte da prisão de um alferes inimig realizada á ordem do general Madeira de Mello por constar—que aquelle official tentara passar com sua companhia, para o partido dos brazileiros.

—Em 1837, o presidente da provincia, Antão Pereira Barretto Pedroso deu conta, por officio,

governo imperial das primeiras medidas, que tomara para suffocar a *Sabinada*.

S. Ex. narrava que, tendo partido d'esta cidade, chegara sem novidade á Pirajá, tendo encontrado ali toda a tropa animada dos melhores desejos.

E que, á vista d'isto, combinara com o tenente-coronel Argollo (depois Barão da Cajahyba), commandante das armas, reunir toda a força existente em uma brigada, que ficaria debaixo do commando d'esse distincto official.

O presidente, ainda dizia—que se estava organizando, entre outros, um batalhão de guardas nacionaes n'esta cidade para ir ao campo da acção, sendo certo—que a Cachoeira se achava fortificada, e havia n'ella a força precisa á manutenção da ordem;

Terminava o presidente, annunciando — que o coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão voltaria para cá, dentro de breve prazo, para commandar a praça.

Julgo opportuno recordar—que se tendo formado, na Feira de Sant'Anna, um partido, adepto da *Sabinada*, por influencia de certo alferes Baraúna, o presidente da provincia fez reunir numero bastante de soldados, escolhidos tanto n'esta cidade, como em S. Gonçalo dos Campos, e com elles entrou n'aquella povoação, hoje cidade, que os rebeldes evacuaram, mesmo antes de travar qualquer combate.

30 de Novembro

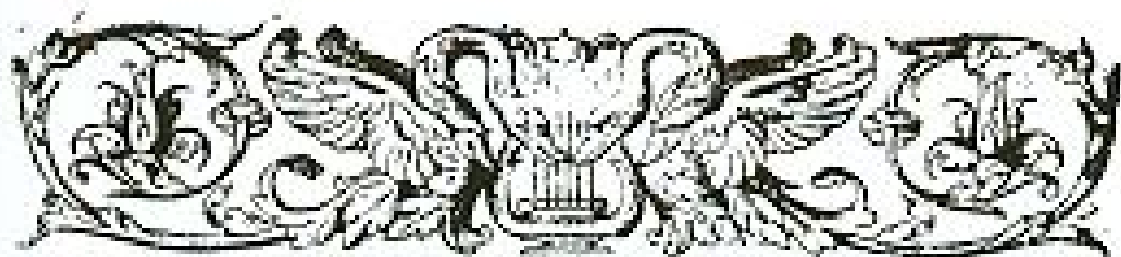
—Em 1822, o general Pedro Labatut nomeou Antonio Maria da Silva Torres, sargento-mór, para substituir o coronel José Garcia Pacheco de Moura Pimentel e Aragão, no cargo de commandante das armas d'esta cidade, então villa.

—Em 1860, falleceu n'esta cidade o capitão Antonio Francisco de Souza Maia, que era negociante de grosso trato, e fôra subdelegado de policia, durante algum tempo.

Cachoeira, 1900.

A. MILTON.

(*Continua*).



Actas das sessões e offertas

81ª SESSÃO EM 18 DE NOVEMBRO DE 1900

Presidencia do Exm. Snr. Cons. Salvador Pires

Aos dezoito dias do mez de Novembro de 1900, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios, Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Presidente, Cons. João Torres, 1.º Secretario, Cap. Ferreira Braga, thesoureiro, Drs. Alfredo C. Cabussú, João Pimenta Bastos, Joviniano A. Pereira Duarte, Comm. Salvador Pires, Coronel Gonçalo de Athayde, Damasceno Vieira, Pharm. Joaquim Manoel de Sant'Anna, Candido Vieira da Costa e Francisco Pires de Carvalho, foi aberta a sessão, sendo convidado o socio Dr. Alfredo Cabussú para occupar a cadeira de 2.º Secretario.

E' lida, e approva-la sem debate a acta da sessão anterior.

O expediente constou das seguintes communicações: officio do socio Dr. Lindolpho Rocha, Juiz Preparador da villa de Jequiê, sobre a existencia de grandes *capoeiras* no districto de Boa Nova, habitadas por selvagens, onde existem minas de diamante e talvez de prata, junto das quaes devem restar as ruinas de uma feitoria abandonada, e de que a El-Rei D. João V já fallava, em 15 de Julho de 1734, o explorador mestre de campo João da Silva Guimarães; — officio do secretario do Conselho Executivo do Centro Operario enviando um

exemplar do Relatorio no exercicio social de 1899-1900; — do secretario da Sociedade Euterpe enviando a relação da nova directoria eleita para o anno social de 1900-1901; idem, idem do Gabinete Portuguez de Leitura d'esta Capital; — do presidente da direcção do Lyceu de Artes e Officios pedindo a devolução do retrato que, por emprestimo, havia figurado nas festas do centenario do Padre Antonio Vieira, a pedido da commissão encarregada da festa commemorativa. Mandou-se responder, agradecendo.

O 1.º Secretario deu noticia de se acharem sobre a Mesa, as seguintes offertas: o Almanak Popular Brasileiro para 1901 pelo sr. Alberto F. Rodrigues; o 4.º vol. da Revista do Museu de S. Paulo, pelo respectivo director Dr. von Ihering; a «Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata», livro commemorativo do 4.º centenario do descobrimento do Brazil, pelo Lyceu Litterario Portuguez, da Capital Federal; o 1.º vol. da *Chronologia Paulista*, trabalho publicado pelo sr. José Jacintho Ribeiro; um bloco de crystal de rocha pesando cerca de 50 kilos, o qual figurou na Exposição de Chigago, enviado do Brazil, e 1 dictionario, obra antiquissima, das linguas Guarany-hespanhola, pelo socio major Polydoro Bittencourt; — a photographia do diploma de doutor em medicina conferido ao Dr. José Francisco da Silva Lima pela Faculdade d'esta Capital em 18 de Dezembro de 1851, pelo socio Dr. Alfredo Cabussu; — pelo socio Dr. Jovinião Duarte uma cedula de 50\$000 ao portador emittida pela casa da Fazenda da antiga Provincia da Bahia, em Abril de 1828.

Em seguida o Cons. Presidente felicita os socios Drs. Pimenta Bastos e Jovinião Duarte pela sua presença a sessão, e faz sentir o seu pezar pelo fallecimento do socio correspondente Dr. Cesar Augusto Marques, na Capital Federal, em 5 do corrente, illustre litterato e historiador; declarando que seria consignado na acta um voto de pezar.

O 1.º Secretario leu tres pareceres da commissão de admissão favoraveis á admissão de socios, e cuja votação ficou adiada por não ter comparecido numero legal de socios.

O snr. Thesoureiro pede a palavra para expôr ao Instituto o seu estado financeiro e lê documentos que justificam a sua exposição, requerendo que o Instituto o autorizasse a contrahir um emprestimo para satisfazer os compromissos, que importam em 6:000\$000, em consequencia da rescisão do contracto da extracção das loterias.

O socio Dr. Cabussú pede a palavra e requer que seja essa exposição remettida á commissão de finanças para interpôr o seu parecer,—ficando consignado na acta que a caução dos snrs. Lobo & Comp. não seja levantada sem autorização da Meza Administrativa que deve submettel-a a assembléa geral.

Achando-se na ante-salla o socio correspondente Candido Vieira da Costa, presentemente n'esta Capital, foi recebido por uma commissão, e o Cons. Presidente felicitou o Instituto pelo comparecimento do digno consocio, que acabava de enriquecer as lettras patrias com a publicação do seu notavel trabalho—*As Duas Americas*.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão, e de tudo para constar, eu, 2.º secretario, lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos.

Comunicação do Dr. Lindolpho Rocha

Jequié, 4 de Novembro de 1900. Illm. Exm. Snr. Presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Uma recente noticia da existencia de grandes *capoeiras*, vistas, á distancia, pelo lavrador João Francisco e outro, ambos de Boa Nova, a S. E., desta povoação, e della distantes cerca de 14 a 15 legoas, confirmando as investigações que, ha 16 annos, tenho feito sobre essa região desconhecida, hoje, e habitada por selvagens desconversaveis e traçozeiros, autorisa-me (aquella noticia) a affirmar ao Instituto que nessa região existem minas de diamante e talvez de prata, junto das quaes de-

vem restar as ruínas de uma feitoria abandonada e de que, a El-Rei D. João V, já fallava, em 15 de Julho de 1734, o explorador, mestre de campo João da Silva Guimarães. Os indícios de grandes culturas, a que me referi, foram vistos, á distancia de 6 leguas, mais ou menos, do pincaro de uma alta serra, (de que só agora se tem noticia), á barra do *Urúba* ou *Turúgo*, circulando essas *capoeiras* uma vasta campina verde, semeada de pontos alvos, que são, no meu parecer e conforme a experiencia, *desmontes* de catas, e não blocos de quartzo branco, como tambem tenho visto. Os mesmos observadores, (por quem affianço) dão noticia de uma serra, á leste das *capoeiras*, com direcção norte-sul, e, o que mais me *concence*, um pequeno rio, que correndo ou vindo dessas paragens (serra e campina), banha a vertente oriental da serra em que se achavam os observadores, notando-se que, sendo ignorantes de mineração, os ditos lavradores ficaram encantados com a côr das areias do dito rio. Não posso, em simples officio, desenvolver uma communicação, na qual ser-me-ia necessario transcrever certo numero de cartas que possuo, de diversas datas, e de pessoas de todo o credito; entretanto, basta-me affirmar que, escrevendo esta, tenho pezado bem as responsabilidades moraes do Instituto, a que me honro de pertencer, sem esquecer as do meu obscuro porém zelado nome, e estou bem certo de que não trato de uma *aventura*, que terminar possa pelo ridiculo de um dispendio inutil.

Pretendo estar breve nessa capital; mas espero que o Instituto providencie já, para que não caiba a outrem a gloria de uma descoberta, bem importante para a Sciencia e para a economia do Estado.

Reitero a V. Ex. meus protestos de estima e alta consideração.

Saúde e fraternidade.

O socio correspondente,
Lindolpho Jacintho Rocha.

OFFERTAS

(Mez de Outubro)

Além dos *Jornaes e Revistas* do costume, recebeu o Instituto as seguintes offertas:

—Pelo socio *Major Polydoro de Bittencourt*: Um bloco de crystal de rocha, pesando cerca de 50 kilos, que figurou na Exposição de Chicago.

—Pela *Inspectoria Geral de Hygiene deste Estado*: Anuario de Estatistica Demographo-Sanitaria—1899.

—Pelo cidadão *Alfredo F. Rodrigues*: Almanack Litterario e Estatistico do Rio Grande do Sul para 1901; Notas para a historia da imprensa do Rio Grande do Sul; Homens e Factos do passado—narrativas historicas; David Canabarro e a Sorpresa de Porongos; A Pacificação do Rio Grande do Sul; João Manoel de Lima e Silva, General da Republica Rio-Grandense, perfil biographico—tudo pelo offer-tante.

—Pelo socio *Dr. Marianno Pellisa*: El Sol del Escudo Nacional y la Restauracion de los Incas, pelo offertante.

—Pelo *Dr. Francisco Mangabeira*: Tragedia Epica (guerra de Canudos), pelo offertante.

—Pelo socio *Dr. Luiz Gualberto*: Santa Catharina—A Ilha—4.^o Centenario do Brazil, por Virgilio Varzea.

—Pelo socio *Dr. Alfredo Cabussá*: Uma photographia do diploma conferido pela Faculdade de Medicina da Bahia ao Dr. José Francisco da Silva Lima.

—Pelas respectivas redacções:

Revista Militar, n. 8, tomo 2.^o; Bolletim de Agricultura (S. Paulo) n. 3—1900; Bolletino della Società Geografica Italiana, n. 9, vol. 1.^o—1900; The National Geographic Magazine, ns. 9 e 10. 1900; «Pallas» Orgão do Gremio Estudantino Paraense, anno 1.^o, n. 9; «A Propaganda», orgão da Associação dos Empregados do Commercio de Pernambuco,

n. 1, anno 1^o, 1900; Bulletin de la Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, ns. 17 e 18, de 1900; La Géographie—Bulletin de la Société de Géographie, n. 9, 1900; A Escola—Revista Official do Ensino (Belém—Pará) anno 1^o, n. 5; Revista do Instituto Geographico e Ethnographico do Pará, n. 1, vol. 1^o, 1900; Historico dos trabalhos da Sociedade Nacional de Agricultura, 1899; A Lavoura—Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira, n. 30, 1900.

(Mez de Novembro)

—Pelo socio cidadão *Candido Costa*: « Pedro Alvares Cabral » Drama historico em 4 actos, em commemoração do 4^o Centenario do descobrimento do Brazil, pelo offertante; « As Duas Americas »—em homenagem ao 4^o Centenario do descobrimento do Brazil, 1900, pelo offertante.

—Pelo cidadão *Sebastião Pará*: Chorographia do Paraná, pelo offertante.

—Pelo socio *Dr. Adolpho Tourinho*: Regulamento de seu Collegio—« Gymnasio S. Salvador », 1900.

—Pelo socio *Dr. Matheus dos Santos*: Relatorio—Congresso Internacional da Tuberculose, Berlim, 1899, pelo offertante.

—Pelo socio *Dr. Mariano Pelliza*: La bandera y el Escudo Nacional, pelo offertante.

—Pela *Secretaria da Polícia e Segurança Publica*: Relatorio apresentado ao Dr. Governador do Estado pelo Dr. Asclepiades Jambeiro.

—Pelo cidadão *Alfredo F. Rodrigues*: Amanack Popular Brasileiro para o anno de 1901 (Rio Grande do Sul).

—Pelas respectivas redacções:

Revista Maritima Brasileira, ns. 2 e 3 de 1900; A Escola, Revista official de ensino, n. 6, 1900; Boletim da Agricultura, Estado de S. Paulo, n. 4; Revista Portuguesa, Colonial e Maritima, n. 37, vol. 7^o, 1900; Bulletin de la Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, ns. 19, 20 e 21, Outubro,

1900; La Geographie—Bulletin de la Société de Geographie, n. 10, 1900; Bolletino de la Società Geografica Italiana, n. 10, vol. 1º, 1900; Bericht der Senckenbergischen Naturforschenden Gesellschaft in Frankfurt am Main, 1900; Revista Militar, ns. 9 e 10-1900; Revista dos Tribunaes (Bahia) ns. 1, 2 e 3 vol. 17-1900; Boletín de la Sociedad Geografica de Madrid, n. 30-1900; Revista Juridica—Órgão dos alumnos da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, Fasc. 1.º anno 6.º; Le Globe, Jornal Geographico (Genova), Tomo 39-1900; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale du Havre, 1.º trim. de 1900; Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, ns. 3 e 4 de 1898 e 1899; The National Geographic Magazine, ns. 10 e 11, vol. 11-1900;

A Lavoura, Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira, n. 31-1900; O-Gado e a Lavoura, fasc. n. 6-1900; O Preparo do solo-fasc. n. 5-1900, Proceedings of the Washington Academy of sciences, vol. 2, ns. 133-156, 157-159, 161-184; 185-201.

(Mez de Dezembro)

—Pelo socio Coronel *Antonio José Teixeira Junior*: Les Environs de Paris illustrés—par Adolphe Joanne; Os varões illustres do Brazil, durante os tempos coloniaes, por J. M. Pereira da Silva; Nouvelle France Pittoresque—Histoire, Geographie, Statistique de la France.

—Pela *Sociedade Beneficente Bahiana*: Estatutos da mesma Sociedade.

—Pelo *Gabinete Portuguez de Leitura* de Pernambuco: Numero especial commemorativo de sua fundação.

—Pela *Directoria Geral de Estatistica do Rio de Janeiro*: Recenseamento de 31 de Outubro de 1900.

—Pelo Dr. *Virgilio Cardoso*: Primeira conferencia publica realizada no Estado do Pará pelo Dr. Eliseu Elias Cezar e 2.ª Conferencia pela professora D. Maria Stellina Valmont.

—Pelo socio Dr. *Sacramento Blake*, por intermedio do socio Damasceno Vieira: *Diccionario Bibliographico Brasileiro*—Vol. 6,—1900.

—Pelo Dr. *A. Zeferino Candido*: «Portugal» Obra commemorativa do centenario da India, em 3 vols: *Navegação e conquistas*; *A Honra de Vasco da Gama*, todas pelo offertante.

—Pelo cidadão *Albano Pereira de Carvalho*: *Discurso proferido pelo Cons. Antonio Candido na festa commemorativa do 4.º centenario do descobrimento do Brazil* (Porto).

—Pelo Snrs. *Souza Vianna & Comp.*: «Mala de Europa» desde o n. 239 até 3 de Dezembro de 1900.

—Pela *Secretaria da Repartição de Estatistica e Archivo do E. de S. Paulo*: *Relatorio do anno de 1898 apresentado ao Dr. Secretario do Estado dos Negocios do Interior*, pelo Dr. Antonio de Toledo Piza.

—Pelas respectivas redacções: *A Escola-Revista* official de ensino ns. 5, 6, 7, e 8.; *Annual Report* o the President to the corporation of Brown University, 1900; *Bulletin of the American Geographical Society* n. 4-1900; *La Geographie* n. 11 de 1900; *Gazeta Medica da Bahia*, n. 5-1900; *A Lavoura* *Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira*, n. 32-1900; *Bulletin de la Société Royale d'Geographie d'Anvers*-1900; *Revista Maritima Brasileira*, n. 4-anno XX; *Boletim da Agricultura* (S. Paulo) n. 6-1.ª Serie; *Revista do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Pará*, vol. 1, n. ; *Boletim de la Sociedad Geographica de Madrid* 3.º trim., 1900; *Buletin de la Société de Geographie Commerciale du Havre*, 2.º trim., 1900; *Bulet de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux*, n. 23-1900.

UMA CURIOSIDADE

(LAVRAS DIAMANTINAS)

Existe nas proximidades do lugar denominado «Macaco Secco», nos limites talvez, entre os terrenos da família Medrado e os da família Athayde, Fazenda de Boa Esperança, e a uma distancia de meia legua da estrada real que vae do rio Una para São João do Paraguassú e Andaraí e outros logares das Lavras, dentro das matas onde se vê verdadeiras arvores seculares,—um enorme morro de pedra, que alli ostenta um espectáculo indscriptivel e admirador. N'esse morro, a natureza criou um enorme pôço, cuja profundidade não conseguimos conhecer, ou pelo menos, não nos consta que alguém tentasse conhecê-la.

Em 1883, com alguns amigos (hoje já fallecidos), tivemos a felicidade de visitar e admirar aquella grandeza que ali jaz esquecida, prestando-se aliás a descripções magnificas, taes as bellezas que se encontram desde a entrada da gruta, até muito embaixo onde vimos a agua limpida, na qual tocamos por meio de uma lata presa a um cipó que lá encontrámos.

A agua é limpida e de máo gosto.

Ali vimos algumas inscripções a lapis quasi apagadas, signal de que era ás vezes frequentado, e nos constou na occasião que pessoas supersticiosas lá iam fazer promessas.

Antes de chegarmos ao Poço, encontrámos uma grande roça do cidadão Manoel Calado, que muito nos serviu na occasião, guiando-nos até o lugar desejado.

A entrada é a de uma gruta, notando-se que a pedra de certo ponto para baixo apresenta uma

fôrma concava que me lembro ter notado. Ha na gruta salões com muitos stallactites e stallagmites e junto a um d'esses encontrámos moedas de cobre de 20 réis.

Em tantos annos passados, não nos é dado lembrar de muitas minudencias e bellezas que apreciamos, para uma narração completa, o que sêria facilimo na occasião, e era nosso intento visital-o novamente, e chegamos a escrever sobre o assumpto ao nosso especial amigo, de saudosa memoria, Dr. Tranquillino Torres, Presidente do Instituto, que em resposta á nossa carta, deu-nos animações e pediu-nos a descripção para a *Revista*.

Em 1895, estando em visita ás minas dos Lenções o Sr. Miguel Wolff, hoje fallecido, e o Dr. Ch. De Mot, tivemos a lembrança de descrever a elles essa belleza, e combinamos uma visita ao logar, o que não aconteceu, por terem esses amigos vindo ás pressas á Bahia para um d'elles apanhar um vapor para a Europa, alim de tratar de negocios referentes á compra de terrenos diamantinos; ficando assentado que na volta iriamos visitar o logar, e infelizmente isso não aconteceu ainda d'essa vez, porque n'essa occasião o Sr. Miguel Wolff morreu aqui na Capital, e o Dr. Ch. De Mot, e o Engenheiro Henri Babinsky que seguiram para as Lavras, não tiveram tempo para essa visita.

Cumpre-nos notar, que tendo acompanhado em varias excursões ao Dr. Charles De Mot, vimos trabalhos de tão illustre e intelligente engenheiro, que seriam de um valor inestimavel para o nosso Instituto, constantes de uma carta geographica do Chique-Chique, Andarahy, Lenções, Palmeiras e Campestre, e varias narrações de viagens que fez em explorações scientificas nas Lavras Diamantinas.

Esse profissional, commissionedo por um illustre negociante do Rio, teve de apresentar relatorio de seu trabalho e o fez juntando essa carta geographica, cuja cópia desejavamos possuir e nos foi promettida para o Instituto, não se lembrando elle mais d'isso.

Releva notar, que importante relatorio sobre minas de diamantes em Lenções, apresentou tambem o engenheiro Henri Babinsky, seu companheiro n'essa occasião, a um syndicato em Pariz, relatorio esse, que prova as habilitações e competencia do distincto profissional, e que nos foi mostrado em 1898 aqui na capital por um amigo estrangeiro, que teve a felicidade de adquirir um exemplar d'aquella preciosidade.

Era nosso desejo que em um d'esses relatorios dos illustres profissionaes, se tratasse da visita e minucioso exame a esse pôço, de onde poderiamos colher muitas vantagens, pois que o Dr. Babinsky era muito competente sobre o assumpto; mas isso não aconteceu e nunca mais tivemos occasião de tocar áquella belleza que por lá jaz esquecida, sendo aliás conhecida de muitos moradores do Rio Una, Paraguassú, Macacos, Boa-Esperança, Santa Izabel, Andarahy e outros logares.

O que colhemos sobre a descoberta de tal Pôço, foi o seguinte:—O seu descobridor, foi um caçador residente na passagem do rio Una, conhecido por Manuel *Gulka*, que muitas vezes se occupava de fazer bateias e internava-se nas matas para cortar os cedros e ás vezes procurava abelhas para tirar o mel e vender. Em uma d'essas excursões, encontrou o pôço, que foi visitado logo pelo capitão Sebastião de Athayde, capitão Joaquim Antonio Pereira e o velho Liberato, morador na Lagôa do Mocambo. Muitas outras pessoas, como o humilde signatario, levadas por essas noticias, tiveram a felicidade de vêr esse pôço que merece bem ser conhecido e estudado como subsidio para a nossa historia.

Bahia, Outubro de 1900.—*Gonçalo A. Pereira.*

O panorama de Victor Meirelles

(O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL)

«Ao entrar na plataforma do Panorama pode o espectador considerar-se orientado no local do desembarque, e, nesta hypothese, fica-lhe á frente, á léste, o ilhéu da Corôa Vermelha. Na terra firme fronteira, a oeste, foi que Frei Henrique, por ordem e com assistencia de Cabral, e bem assim de sua luzida commitiva, celebrou a famosa missa de Maio de 1500.

Não ignoramos que com grande erudição se tem estranhado ao sr. Victor Meirelles haver considerado esta como a *primeira missa*, quando anteriormente outra fôra celebrada a 26 de Abril, sob um *esparavel* n'um ilhéu. Mas bem é de notar que jamais o sr. Victor laborou em tal equívoco, pois, antes de fazer o quadro que foi o arrebol da sua celebridade artistica, leu tudo quanto existe sobre a materia, e sobre ella discretoou com algumas das culminancias intellectuaes que mais sabiam da nossa historia. A *primeira missa* não é a primeira chronologicamente, mas a que, cerimonia de cunho official e grandioso, constituiu para o soberano portuguez o direito de posse sobre a descoberta de Cabral.

A composição do Bello quadro desta *primeira missa* reproduz-se agora no panorama. Cabral, de joelhos, está no centro do grupo, em frente do altar, rodeado dos capitães e soldados, que em sua guarda allí se acham. Sobre o altar, do lado do Evangelho, que Portugal pregava ao mundo quando a *fé e o imperio andara dilatando*, divisa-se o estandarte com a cruz de Christo, a honrosa insignia que nas mãos do egregio chefe puzera el-rei D. Manoel na ermida de Belém. Os frades Franciscanos

rodeiam o altar em attitudes diversas e bem expressivas dos sentimentos religiosos de que estão possuídos.

A alteroza cruz, cujos braços se destacam no formoso céu brasileiro, fôra cortada de uma arvore da matta que existia junto de Mutary,—riacho que desagua na Bahia Cabralia.

A embocadura desse corrego percebe-se no ponto do littoral onde se nota o effeito da evaporação produzida pela arrebentação das ondas na praia, formando-se delgadas neblinas que se elevam com a brisa.

No littoral figuram varias pessoas da comitiva, que guardam os escaleres, e alguns indigenas atraídos pela natural curiosidade de que tanto reza a carta de Caminha.

Mais adiante, depois da barra do rio, acha-se a lagôa onde a tripulação de Cabralia fazer aguada, e junto da qual cortava lenha.

E adiante ainda, e perto do ponto onde fica Vera Cruz, demora o local chamado Aracácahy; por elle se passa, deixando a praia, para ir a Vera-Cruz, que é onde se avistam muitas palmeiras.

Continuando o caminho pela praia, chega-se a Vera-Cruz, onde são vistos os recifes que ao longo da costa se estendem até a fôz do rio Santa-Cruz.

A ponta que muito adiante se enxerga, e onde a praia se perde de vista, é a de Santo Antonio.

Sobre a linha do horisonte, no mar, avistam-se galeões, náus e caravellas que compunham a frota de Cabral e que, alli ancorados, brevemente deviam seguir viagem.

Entre a ponta de Santo Antonio, que deixamos ao norte, e os recifes que se descobrem olhando para léste, e sobre os quaes se precipitam as vagas com espumosos marulhos, existem passagens ou aberturas que dão livre entrada a navios de alto bordo; e mui provavelmente foi por ahí que entraram as naves de Cabral.

A baixinha da Corôa Vermelha e o ilhéu do mes-

mo nome são vistos entre rolos de mar que espumam de encontro á pedras.

Foi nessa ilhéu a primeira missa, chronologicamente fallando, que Cabral, sem ter nenhum conhecimento dos habitantes do paiz, mandou celebrar, com espanto dos cabocios que da terra firme tudo observavam.

Depois da Corôa Vermelha e em direcção ao sul está o Recife, que, passando perto da ponta do Mutá, fôrma com a extrema desta praia uma bella enseada, para a qual do lado do mar se entra por uma abertura, que existe junto ao Recife denominado Boqueirão dos Francêzes.

Toda esta bahia é assim formada de um lado pela praia, cujo aspecto fidelissimamente se reproduz neste panorama, e da outra parte pelos recifes, estendendo-se desde a ponta de Santo Antonio, ao norte, até a do Mutá, ao sul, e deparando em frente do espectador, que olha para oêste, a ponta fronteira á Corôa Vermelha.

Enseada bellissima, mas muito aberta em sua graciosa curva, ella deve aos parçeis que delimitam as condições de bom encoradoro que lhe valeram o nome de Porto Seguro.

Bom é de saber-se que no proprio local do successo esteve o pintor do panorama, vendo, com aquelles seus olhos de artista que de um relance apanham dimensões, fôrma e colorido, indagando, e estudando com o aspecto a flora da região.

Depois encerrou-se na sua rotunda e trabalhou mezes e mezes. A' porta vieram bater-lhe contrariedades, decepções e desgostos, que penoso fôra aqui rememorar. . . Mas, como os paladinos que nos antigos contos repelliam com talismans e palavras encantadas as obsessões de malfazejos espiritos, Victor, o encanecido e glorioso batalhador, tudo venceu e debellou com o triplice influxo da fé religiosa, que lhe avigora o animo, do amor da Patria e do culto da Arte.

Mede a tēla 115 metros de comprimento sobre 14,5 de altura, isto é, 1667,50 metros quadrados.

Como trabalho manual para um artista desajudado dos elementos que na Europa sobejam aos executores de analogas emprezas, já se poderia dizer que é um esforço de Titan; como obra d'arte,—e mais alto do que nós o dirá a opinião publica—é mais um esplendor do brilhantíssimo talento que tão auspicioso alvoreceu na *primeira missa*.»

Dr. Carlos de Laet

(*Extr.*)

Ancoradouros na Costa da Bahia

Relação dos portos, barras e ancoradouros da costa do Estado da Bahia, accessiveis á navegação a contar do extremo norte ao extremo sul.

Abbadia—porto no Rio Real, onde podem entrar embarcações que demandem 8 pés nas peiores circumstancias.

Itapicurá—barra onde podem entrar pequenas embarcações até 5 pés d'agua.

Torre do Garcia d'Acilla—ponte, que serve para embarcações até 8 pés d'aguã.

Itapoan—proximo ao logar em que está collocado o phárol ha uma pequena enseada onde se podem abrigar pequenas embarcações dos ventos de N. E. até S. E. O pharol serve para por elle dirigirem os navegantes a navegação ao porto da Bahia, fixres de encontrar o banco de Santo Antonio.

Bahia de S. Salvador—excellente porto, onde se podem accommodar todas as esquadras conhecidas: ha um pharol para servir de baliza, á entrada do porto.

Jaguaripe—barra por onde podem entrar embarcações até 6 pés.

Morro de S. Paulo—porto para toda e qualquer embarcação. Tem. o melhor pharol da costa, e serve para por elle as embarcações se derigirem ao porto da Bahia.

Boipeba—barra para pequenas lanchas.

Carvalhos—barra para ditas.

Camamá—barra para toda e qualquer embarcação; é um beilo porto.

Marahú—barra para pequenas lanchas.

Rio de Contas—barra para embarcações até 8 pés.

Ponte sobre a enseada de Itapagipe

É a mais importante obra d'arte de toda a linha da Estrada de Ferro da Bahia a Alagoinhas.

O systema é de tirantes (poutres) rectos de ferro batido em fôrma de duplo T, assentados sobre tubos de ferro fundido, que servem de pilares collocados quatro a quatro, distando os dous de cada testa 0,914 metros de eixo a eixo. Cruz-s de S. André no sentido vertical, e contraventos no horisontal, tudo de ferro batido, ligam entre si os tirantes, que achando-se presos aos tubos, ficam estes tambem entre si ligados, e o todo formando systema.

Tem a ponte 46 vãos de 11,277 metros, a excepção dos contiguos á parte levadiça (para da: passagens aos barcos), que são menores: sendo o seu comprimento total de 553,4 metros. (251 1/2 braças).

A largura entre os parapeitos é de 4,267 metros, minimo determinado no contracto; e a distancia entre os tirantes é de 1,6 metro, a mesma que ha entre os carris da estrada, correspondendo assim estes a aquelles verticalmente como deve ser.

Os tubos têm 2,54 centimetros de espessura, e 3,048 decimetros de diametro externo.

Tendo-se principiado a ponte do meio para os extremos, a grande altura a que fica o seu pavimento do fundo do mar na parte em construcção, onde ha tubos de 8,23 metros fóra da terra, e 6,4 metros enterrado faz com que se dêem oscilações que se percebem a simples vista, quando o vento rijo embate a superficie que já lhe offerecem os tirantes.

Ilhéos—porto para toda e qualquer embarcação.
Oliveira—barra para pequenas lanchas.
Una—barra para ditos ditos até 6 pés.
Commandatuba—barra para ditos ditos até 6 pés.
Pozim—barra para ditos ditos até 8 pés.
Cannacieiras—barra para ditos ditos até 8 pés.
Belmonte—barra para ditos ditos até 8 pés.
Santa Cruz—«Bahia Cabralia», para qualquer embarcação.

Porto Seguro—barra para embarcações até 12 pés.
Frade—barra para ditos até 8 pés.
Joacemo—abrigo para ditos até 14 pés.
Carminoan—» » » »
Columbão—barra para ditos até 12 pés.
Comuxatiba—bom fundeadouro para embarcações até 12 pés.

Prado—barra para embarcações até 8 pés.
Alcobaça—barra para ditos até 8 pés.
Caravellas—barra pela qual se entra por 3 canaes N., E. e S. todos ballizados, sendo o mais fundo o de E., regulam por 14 pés.

Viçosa—barra para embarcações até 8 pés.
S. José de Porto Alegre do Mucury—para embarcações até 8 pés.

Além do que fica mencionado os navegantes encontrarão no archipelago dos Abrolhos dous fundeadouros, um a N. e outro a S. da ilha de Santa Barbara, onde se poderão abrigar dos ventos oppostos. Na ilha ha um bom pharol.

Todas as pequenas barras são de areia movediça, conforme a direcção dos ventos.

O Brazil e os seus Poetas (*)

«O Brazil, esse paraíso terreal da phantasia como lhe chamou o Sr. Castilho, não podia deixar de produzir em seu fecundissimo e florente sólo poetas para cantal-o.

Quem percorre os seus rios soberbos e os seus lagos immensos, quem penetra nas solidões profundas de suas virgens florestas e contempla o rigoroso aspecto de sua prodigiosa vegetação, sente no fundo da alma o reverbero da grandiosa e sublime poesia de que se vê cercado: sente-se necessariamente inspirado para cantar; mas Deus não concedeu a todos a mysteriosa faculdade de revelar as suas sensações por meio de palavras cheias de harmonia.

Ao poeta só é dado erguer a voz sob essas abobadas de verdura eterna, sustidas por arvores tão velhas como o mundo.

Os outros homens emmudecem de admiração ante o espectáculo magestoso da floresta virgem, e o poeta, esse louco sublime que se consola, cantando, das maiores amarguras, ousa quebrar com seus hymnos o silencio dos bosques, porque se sente allí, como Deus no meio do Genesis.

Deixai-o cantar! a sua voz abrandará a ferocidade do tigre, da onça e da serpente e annunciará no fundo dos seus antros que é chegada a civilisação que partira do Nascente ha muitos seculos. Deixai-o cantar, e vereis que as notas do seu canto são mais poderosas do que todas as machinas de guerra para combater a barbaria. A poesia adoça os costumes e modifica a rudeza dos povos, predis-

(*) Folhetim publicado em Lisboa em 1859 por Gomes de Amorim, poeta portuguez e auctor do *Amazonas*, uma das suas mais distinctas composições.

pondo-os para acções generosas. Deixai pois o poeta, esse ente que talvez vos pareça inutil, deixai-o viver, pensar, contar, soffrer, chorar e trabalhar que elle leva na sua palavra cheia de enthusiasmo ardente metade da fé, da esperanza, da religião e do porvir da humanidade.

Além do Atlantico resoam os canticos juvenis dos trovadores de Santa Cruz, cujas harpas se animam e incitam bafejadas pelos suaves perfumes das patrias selvas.

Lá brotam os talentos como as flores e sob aquelle céu de fogo só o corpo e a palavra são por vezes indolentes.

A intelligencia nasce espontanea e brilha como os astros do hemispherio austral, cuja luz reflecte.

Lá não se conhece a descrença, porque os homens e as cousas não tiveram ainda tempo de envelhecer; os annos passam quasi impunemente pelos individuos; passam sobre os corpos, mas não tocam nas cabeças. As idéas são novas, fecundas e vivas, como os homens e as cousas.

As lyras que Grecia e Roma pendurava nos templos da fama coroadas de myrtho e louro, ergue-as o Brazil nas arvores aromaticas das suas virgens florestas, que são os templos da verdadeira poesia e enfeita-as com as açucenas e os jasmims dos seus matos, e com as rosas dos seus cajueiros.

Deixai que os vates d'esse paiz encantado se habituem a imitar somente a natureza que os rodeia e vereis o que são poemas.

A musa americana vestida de pennas, toucada de palmas, descendo das cachoeiras dos seus rios na canôa de cedro virá um dia surprehender o velho mundo com as melodias originaes da sua harpa mysteriosa.

As maravilhas d'essa terra que julgaes conhecida quando forem reveladas na musica do verso, chamarão a si mais ardente curiosidade do que a noticia das suas minas de ouro e pedras preciosas.

Cantai, pois, oh! poetas de além-mar!

Dizei-nos como suspira o saudoso juruti nos cimo

das mangueiras, como resôa de noute a voz plangente do namorado sabiá, e como brilha o nevoeiro prateado das vossas grandes cataratas.

Cantai que a aurora dos vossos cantos fará em breve apparecer no horisonte o sol da vossa gloria; mas cantai a vossa terra, as vossas flores, as vossas arvores, as lendas dos vossos lagos mais poeticas do que as da Escossia, a mãe d'agua, a mãe dos bosques, as fadas dos vossos rios vestidas de prata e ouro, os olhos ardentes das vossas languidas mulheres e os astros brilhantes do vosso hemispherio. Não imiteis os estranhos; pintai a vossa natureza, e os vossos versos serão sublimes.

O Brazil conta hoje muitos poetas distinctos; e alguns d'elles poderiam adquirir em breve muito maior celebridade, consagrando os seus hymnos ás maravilhosas bellezas do seu paiz.

Entre outros, o Sr. Francisco Muniz Barretto, natural da Bahia, é um dos que devia procurar a inspiração nas cousas patrias, porque revestindo a sua musa com as cores nacionaes não se arriscava se não a triumphar.

Os seus versos são cadentes e cheios de harmonia, tem muita facilidade e elegancia em quasi todas as suas composições; e certamente tiraria grande partido do seu talento applicando-se a estudar e descrever em verso os costumes, os usos e o viver da sua terra natal.

No Brazil para qualquer lado que se volte o poeta encontra um assumpto admiravel, não para um, mas para muitos poemas, e o Sr. Barretto é um homem de quem a sua patria tem de esperar mais do que algumas poesias fugitivas.

O illustre poeta bahiano, reconhecido ao paiz que deu aos filhos do Brazil o seu sangue, a sua lingua, tem consagrado aos soberanos de Portugal varias das suas bellas produções poeticas.

Por occasião da morte de D. Maria II escreveu elle uma sentida elegia, em que por meio de excellentes versos vinha confundir com a dôr dos portuguezes a sua dôr sincera.

Nos anniversarios natalicios d'el-rei D. Pedro V costuma o Sr. Barreto compor uma poesia congratulatoria ao jovem monarcha, recitando-a no theatro da Bahia. E' a composição relativa ao anno de 1858, a que transcrevo de um jornal da Bahia, tanto para satisfação de seu autor, como para minha propria, porque me regosijo cada vez tornar mais intima a sympathia que deve reinar entre dous povos irmãos como são o portuguez e o brasileiro.

(*Extr.*)

F. GOMES AMORIM.

E' de suppôr que quando a obra concluida, esta oscilação diminúa, além de que, como sóe fazer-se em casos taes, escoras tubulares de ferro partirem de certa altura dos pés direitos a incravarem-se no fundo do mar, como muito bem projectou-se a respeito da ponte para o rio Paraguassú, na cidade da Cachoeira.

(Relatorio de Outubro de 1859 pelo capitão de engenheiros Firmo José de Mello).

<i>Virgo Patria</i> , pelo Dr. João Baptista de Castro Rebello.	135
Sessão anniversaria:	
—Discurso do Cons. Salvador Pires, presidente do Instituto	141
—Relatorio do 1.º Secretario, Dr. João Torres	147
—Discurso do Cons. Filinto Bastos, Orador do Instituto	157
—Discurso do socio Damasceno Vieira.	169
Ephemerides Cachoeiranas, pelo Dr. A. Milton (Mez de Setembro)	179
Actas das sessões, e Offertas (Março a Junho)	205
Biographia do Padre Manoel Leonardo Rolim (Um Jesuita Bahiano)	229
N. 25.	
Historia Patria, por J. P. B.	239
Historia das Artes e sua marcha progressiva na Bahia, pelo Dr. Canha Barbosa	249
A Sabinada—Historia da revolta da cidade da Bahia em 1837, pelo Dr. F. Vicente Vianna	261
Ephemerides Cachoeiranas, pelo Dr. A. Milton (Mez de Outubro).	293
A pesca da Baleia na Bahia, por J. Teixeira Barros	323
Actas das sessões e Offertas (Junho a Setembro)	337
Poetas Bahianos pelo Dr. Manoel Britto	

—José Francisco Cardoso de Moraes.	353
—Domingos Caldas Barbosa.	357
N. 26.	
Principios Jacobinos—Sedição de 1798 na Bahia por José Carlos Ferreira.	371
Historia patria—Os de Arago--Alcides Mores (seculo XVII), pelo Dr. Innocencio Goes.	413
Ephemerides Cachoeiranas, pelo Dr. A. Milton (Maz de Novembro)	423
Actas das sessões e offertas (Outubro a Dezembro)	459
Uma curiosidade (Lavras Diamantinas)	467
O panorama de Victor Meirelles (O Descobri- mento do Brazil)	471
Ancouradouros na Costa da Bahia.	475
Ponte sobre a enseada de Itapagipe.	477
O Brazil e os seus poetas.	479

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME 7º

	Paginas
N. 23.	
Descoberta do Brazil ao acaso, por Oliveira Catramby	3
Carta de um Piloto portuguez companheiro de Cabral na viagem á India, sobre a descoberta do Brazil	31
O descobrimento (extractos).	37
A Bahia Cabralia e a Corôa Vermelha.	67
Centenario do Brazil.--Que data de mez e dia do anno de 1900, corresponde com o dia 22 de Abril de 1500?—pelo Dr. Rosendo A. P. Guimarães	73
N. 24.	
O Centenario na Bahia.	81
Discurso do Dr. José Antonio Costa, presi- dente da commissão do Centenario	107
Conferencia do Conego Manfredo Alves de Lima	115